

Jardel Laercio Rech

***A LEX ORANDI LEX CREDENDI* NAS SOLENIDADES  
MARIANAS:  
EM BUSCA DE UMA AUTÊNTICA PRÁXIS CRISTÃ À LUZ DO  
CULTO MARIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Esp. Wellington  
Cristiano da Silva

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

RECH, Jardel Laercio

*A lex orandi lex credendi* nas solenidades marianas: em busca de uma autêntica práxis cristã à luz do culto mariano/ Jardel Laercio Rech; orientador, Wellington Cristiano da Silva-Florianópolis, SC, 2019.

88 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. *Lex orandi lex credendi*.
2. Dogmas marianos.
3. *Lex agendi lex vivendi*.
4. Práxis cristã.

Jardel Laercio Rech

**A *LEX ORANDI LEX CREDENDI* NAS SOLENIDADES  
MARIANAS:  
EM BUSCA DE UMA AUTÊNTICA PRÁXIS CRISTÃ À LUZ DO  
CULTO MARIANO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 23 de agosto de 2019.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Esp. Wellington Cristiano da Silva  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Edinei da Rosa Cândido  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



Dedico este trabalho à Virgem Maria,  
sob o título de Conceição Aparecida,  
por tanto amor e carinho maternal ao  
longo da minha vida.



## AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar a vida e a vocação ao ministério na sua Igreja. À Virgem Maria, sob o título de Conceição Aparecida, que me acompanha desde a infância, com seu olhar materno.

À minha amada avó Leopa Rech (*in memoriam*), que no dia 05/05/2019, durante a elaboração deste trabalho, teve a graça do encontro definitivo com Deus. Por sua vida junto comigo, por seu exemplo de fiel devota da Virgem Maria e por sua saudosa presença em minha memória, coração e orações.

Aos meus amados pais, Marilene Garcia Rech e Laercio Vicente Rech, que não hesitam em me acompanhar nas alegrias e tristezas deste caminho vocacional. Ao meu irmão Eduardo Matheus Rech, por me ensinar a sensibilidade e a caridade. À minha avó Alida Garcia, por sempre me acompanhar neste processo vocacional.

Ao Padre Edson Adolfo Deretti, meu reitor, que me acolheu no seminário e, como pai espiritual, acompanha meu itinerário vocacional. Ao Padre Luciano dos Santos, que fez de seu acervo bibliográfico uma extensão da minha pesquisa. Aos meus irmãos de caminhada, os que moram comigo no Seminário Teológico Nossa Senhora de Guadalupe, pela convivência e crescimento comunitário.

Ao Padre Wellington Cristiano da Silva, por ser paciente e me ajudar como orientador dessa pesquisa. Por fim, aos professores da faculdade e irmãos da turma, por buscarem sempre mais dar razões da fé em um mundo que nos exige respostas.



Maria, então, disse: “Minha alma agradece o Senhor, e meu espírito *exulta em Deus em meu Salvador*, porque *olhou para a humilhação de sua serva*. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. *Seu nome é santo*”.

(Lc 1,46-49)



## RESUMO

A liturgia é ação de Deus e do ser humano, de modo que o ser humano é santificado e Deus é glorificado. Na Igreja há a norma que diz que se crê o que se reza e se reza o que se crê (*lex orandi lex credendi*). Por isso, na liturgia são utilizados textos eucológicos oficiais da Igreja, os quais oferecem um acervo seguro da Tradição e do Magistério eclesial. A liturgia se organiza no Ano Litúrgico, onde se encontram as solenidades marianas unidas aos dogmas da Imaculada Conceição, da Santa Mãe de Deus e da Assunção de Nossa Senhora. Os textos eucológicos dessas solenidades, de tradição romana, trazem características do verdadeiro culto cristão à Virgem Maria, como intercessora e modelo da Igreja e de seus membros no mundo, de modo que a liturgia orienta os exercícios de piedade popular e convida os cristãos à conversão do coração. Para tanto, o objetivo é encontrar na eucologia das solenidades supracitadas aspectos marianos que possibilitem a *lex agendi* ou *lex vivendi*, isto é, a práxis cristã, tendo em vista que Maria é a mais próxima de Deus e a mais próxima do ser humano.

**Palavras-chave:** *Lex orandi lex credendi*. Dogmas marianos. *Lex agendi lex vivendi*. Práxis cristã.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Tm – Primeira Carta de São Paulo a Timóteo  
1Jo – Primeira Carta de São João  
3Jo – Terceira Carta de São João  
AL – Exortação Apostólica pós-Sinodal *Amoris Laetitia*  
Ap – Apocalipse de São João  
CIC – Catecismo da Igreja Católica  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
Col – Carta aos Colossenses  
Cor – Carta de São Paulo aos Coríntios  
Ef – Carta aos Efésios  
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*  
Ex – Êxodo  
Ez – Ezequiel  
Fil – Carta aos Filipenses  
GEE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*  
Gl – Carta aos Gálatas  
Gn – Gênesis  
GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*  
Hb – Carta aos Hebreus  
ID – Bula *Ineffabilis Deus*  
Is – Isaías  
Jo – Evangelho de São João  
Jr – Jeremias  
LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*  
Lc – Evangelho de São Lucas  
MC – Exortação Apostólica *Marialis Cultus*  
MD – Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*  
Mt – Evangelho de São Mateus  
RB – Regra de São Bento  
RM – Carta Encíclica *Redemptoris Mater*  
Rm – Carta aos Romanos  
SC – Constituição *Sacrosanctum Concilium*  
Sl – Salmos  
SM – Exortação Apostólica *Signum Magnum*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 FUNDAMENTOS DA LITURGIA</b> .....	<b>19</b>
1.1 DUPLO MOVIMENTO NA LITURGIA .....	21
1.2 A LITURGIA E SEU CARÁTER OFICIAL .....	23
1.3 OS TEXTOS EUCOLÓGICOS E O MISSAL ROMANO.....	27
<b>2 OS TEXTOS EUCOLÓGICOS DAS SOLENIDADES</b>	
<b>MARIANAS</b> .....	<b>33</b>
2.1 SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO .....	36
<b>2.1.1 Os textos eucológicos da Imaculada Conceição</b> .....	<b>38</b>
2.2 SOLENIDADE DA SANTA MÃE DE DEUS .....	43
<b>2.2.1 Os textos eucológicos da Santa Mãe de Deus</b> .....	<b>46</b>
2.3 SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA .....	50
<b>2.3.1 Os textos eucológicos da Assunção de Nossa Senhora</b> .....	<b>53</b>
<b>3 A VIRGEM MARIA, MODELO DA IGREJA NO EXERCÍCIO DO CULTO</b> .....	<b>57</b>
3.1 O CULTO A VIRGEM MARIA .....	58
3.2 O CULTO A VIRGEM MARIA E A PRÁXIS CRISTÃ .....	60
<b>3.2.1 A práxis cristã na solenidade da Imaculada Conceição</b> .....	<b>61</b>
<b>3.2.2 A práxis cristã na solenidade da Santa Mãe de Deus</b> .....	<b>68</b>
<b>3.2.3 A práxis cristã na solenidade da Assunção de Nossa Senhora</b>	<b>74</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>



## INTRODUÇÃO

A palavra liturgia significa *obra* ou *ação*, e tem sua base nos textos bíblicos. São Bento de Núrsia qualifica a liturgia como *Opus Dei*, ou seja, Ofício Divino. A liturgia tem a participação do ser humano, enquanto aquele que participa do rito e empresta sua voz e seu corpo para a celebração. Por meio da liturgia, fonte e ápice da vida eclesial, o ser humano é santificado e Deus é glorificado.

Não se manipula a liturgia, justamente por ser divinamente instituída. Para tanto, não convém utilizar palavras de bel prazer daquele que preside e celebra. A Igreja tem seu depósito oficial de orações na liturgia que, por sua vez, é defendida pelo axioma de Próspero de Aquitânia: *Lex orandi lex credendi*; e quer expressar que a norma de rezar é a norma de crer da Igreja. Trata-se de uma notável conclusão que mostra o quanto a liturgia tem sua importância na vida da Igreja, particularmente aqui no caráter mistagógico-catequético, pois nada mais educativo para o cristão do que uma liturgia bem celebrada.

A liturgia possui seus textos eucológicos, isto é, textos oficiais que a Igreja organizou para serem utilizados na liturgia, e que não podem ser substituídos por improvisações pessoais ou orações devocionais. São textos que possuem rico conteúdo teológico e espiritual, os quais abrangem textos bíblicos, de santos e de documentos eclesiais no decorrer dos séculos. O Missal, onde se encontram os textos eucológicos, mas não exclusivamente, é um dos livros da *Lectio Divina*, pois nele a Igreja interpreta com propriedade os Escritos Sagrados. Também existem as antífonas, que norteiam a mensagem de cada Celebração Eucarística. São pequenos escritos tirados de textos bíblicos ou da Tradição da Igreja.

A liturgia se organiza no Ano Litúrgico com seus Tempos Litúrgicos específicos. O Ano Litúrgico procura, em um ciclo lógico, celebrar o único Mistério Pascal de Cristo nos seus vários aspectos. Dentro do Ano Litúrgico existem solenidades, festas e memórias da Virgem Maria. As solenidades marianas, centrais nessa pesquisa, se unem aos dogmas marianos aprovados pela Igreja ao longo da história. Os dogmas marianos são: da Imaculada Conceição, da Santa Mãe de Deus e da Assunção de Nossa Senhora. Levando em consideração o *Sensus Fidei* da Igreja, aquilo que o povo católico já celebrava com devoção e amor em relação a Maria, foi definido e oficializado pela Igreja como dogma, a fim de proteger a fé católica.

O dogma da Imaculada Conceição afirma que a Virgem Maria foi concebida sem o pecado original, por um privilégio divino porque seria

a Mãe de Deus Filho; o dogma da Santa Mãe de Deus defende a humanidade de Jesus Cristo, Filho de Deus, de modo que é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus (a virgindade de Maria defende a divindade de Cristo); a Assunção de Nossa Senhora afirma que Maria, no fim de sua vida terrena, foi elevada em corpo e alma para o céu, por singular privilégio, pela sua dignidade de Mãe de Deus.

A união dos dogmas marianos com as solenidades marianas na liturgia, trazem como resultado os textos eucológicos e as antífonas da Virgem Maria. Por sua vez, a virgindade de Maria é contemplada nas Celebrações Eucarísticas, citada em todas as orações eucarísticas no transcorrer do Ano Litúrgico, de modo que não possui uma celebração particular, mas é sempre lembrada na liturgia.

Os textos eucológicos das solenidades marianas apresentam características da Virgem Maria, as quais possibilitam uma reflexão para a vida cristã em vista de uma constante conversão de vida. Da *lex orandi lex credendi* se segue para a *lex agendi* ou *lex vivendi*, que é a práxis cristã. A *lex agendi* significa a prática de compromisso e de atitude na vida cristã a partir da liturgia. A Virgem Maria, presente de modo especial nos textos litúrgicos, é para a Igreja seu membro eminente e, por isso, seu modelo de vida ajuda os cristãos na passagem para a *lex agendi*. Ela é próxima do ser humano, não somente como intercessora maternal, mas como exemplo de santidade.

Portanto, unindo a liturgia da Igreja e a doutrina dogmática da Virgem Maria com os documentos conciliares, papais e escritos de liturgistas e mariólogos que atualizam a temática, se encontra um autêntico culto mariano. Todo culto deve ter as dimensões da ética, da mística e do ritual. Destarte, dando ênfase à dimensão ética do culto, Maria, com suas características apresentadas nos textos eucológicos, direciona a vida cristã para um verdadeiro compromisso com o Evangelho, fazendo valer a união da liturgia e da fé com toda a vida cristã, ou seja, com a *lex agendi*.

## 1 FUNDAMENTOS DA LITURGIA

Havendo objetivado encontrar um autêntico culto mariano nos textos litúrgicos das solenidades marianas, faz-se necessário um aprofundamento acerca do que vem a ser a liturgia em âmbito eclesial e seu caráter oficial na Igreja. Com isso, buscar-se-á expor os conceitos a serem utilizados, como o próprio axioma litúrgico-teológico *lex orandi lex credendi*, sua origem e seu significado, e o termo eucologia.

A liturgia está intrinsecamente unida à vida da Igreja, pois, como se encontra na Constituição *Sacrosanctum Concilium* do Concílio Vaticano II, liturgia “é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”.<sup>1</sup> Trata-se de celebrar a obra da redenção feita por Cristo, ou seja, o Mistério Pascal de Cristo, bem como manifestar a natureza da Igreja, que é humana e divina.<sup>2</sup> A liturgia terrestre torna possível a participação dos fiéis, no já da história, da liturgia celeste, para onde a Igreja quer levar a todos como peregrinos em direção à cidade santa, a Jerusalém celeste.<sup>3</sup>

A palavra *leitourgia*, de origem grega, é a junção de duas palavras, *leiton* (público) e *ergon* (obra ou ação).<sup>4</sup> Portanto, em sua etimologia, liturgia significa serviço feito ao povo. Marsili discorre acerca da evolução do termo liturgia:

(...) em sua origem o termo indicava a obra, a ação ou a iniciativa assumida livremente por um particular (indivíduo ou família) em favor do povo ou do bairro ou da cidade ou do Estado. Com o passar do tempo, a mesma obra, ação, iniciativa, perdeu, quer por institucionalização quer por imposição, o seu caráter *livre* e, assim, passou a ser chamado *liturgia* qualquer trabalho

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 38; SC 10.

<sup>2</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 34; SC 2.

<sup>3</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 38; SC 8.

<sup>4</sup> A carta de Clemente Romano aos Coríntios, do final do século I, “desponta como o primeiro testemunho na literatura cristã do uso da palavra liturgia”. (CÂNDIDO, Edinei da R. Presbiterato e Episcopado (séculos I-II): entre ministério e hierarquia. In: CÂNDIDO, Edinei da R. (Org.). **O nascimento da Literatura Cristã: século I e II**. Florianópolis: FACASC, 2011. p. 35.)

que importasse em serviço mais ou menos obrigatório prestado ao Estado ou à divindade (*serviço religioso*) ou a um particular.<sup>5</sup>

O Antigo Testamento apresenta o termo liturgia em relação ao culto externo dos sacerdotes e dos levitas, particularmente os sacrifícios; já no Novo Testamento, liturgia é o culto de Cristo. No Novo Testamento, existem cinco significados de liturgia presentes principalmente no *corpus paulino* e que são fundamentais, a saber: obra pública como o cuidado aos mais pobres; culto do Templo de Jerusalém; exercício público da religião; culto espiritual como evangelização e culto ritual comunitário cristão.<sup>6</sup>

Nos primórdios cristãos, o termo liturgia passou a designar o culto novo inaugurado por Cristo Sacerdote, mais especificamente a Celebração Eucarística, “porque a Eucaristia é o ministério público por excelência e centro de todo o culto. O Antigo Testamento foi um anúncio; o Novo Testamento, a realidade; a liturgia, a ponte”.<sup>7</sup> No entanto, a liturgia não se restringe à Celebração da Eucaristia, pois existem outros ritos que fazem parte da liturgia eclesial, como, por exemplo, os ritos dos demais Sacramentos e a Liturgia das Horas. A liturgia da Igreja foi traduzida como ação sagrada, por ser justamente ação de Cristo dentro da ação da Igreja e, dessa forma, torna-se a atividade central da vida cristã.<sup>8</sup>

São Bento, abade do século V, qualifica em sua Regra a liturgia como *Opus Dei*, Ofício Divino,<sup>9</sup> que “equivale a atribuir ao agir de Deus, na liturgia, as prerrogativas que a Escritura reconhece à Palavra de Deus, uma palavra que é em si mesma ação, que realiza aquilo que

---

<sup>5</sup> MARSILI, Salvatore. Liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 639. (Grifo do autor.)

<sup>6</sup> ESCOBAR, Francisco. A celebração do mistério de Cristo. In: Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Trad. Maria S. Gonçalves. **Manual de Liturgia**. A celebração do mistério pascal: Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-17.

<sup>7</sup> ESCOBAR, 2005, p. 17.

<sup>8</sup> FLORISTAN, Casiano. Pastoral litúrgica. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000. p. 427. v. 1.

<sup>9</sup> BENTO DE NÚRSIA. **A Regra de São Bento**. Trad. Kristina Michaelles. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2017. p. 97; RB 43, 3.

significa”.<sup>10</sup> Assim como a Palavra de Deus, que não volta sem produzir o seu efeito, conforme o profeta Isaías,<sup>11</sup> também é a liturgia enquanto entendida como *Opus Dei*.

## 1.1 DUPLO MOVIMENTO NA LITURGIA

Há um duplo movimento ou efeito ou finalidades na liturgia. Trata-se da glorificação de Deus e da santificação do ser humano, enquanto membro da Igreja. Nesse contexto, Cipriano Vagaggini diz que “a liturgia aparece imediatamente como lugar de encontro privilegiado entre o homem e Deus; sob o véu de sinais, Deus desce ao homem e o homem sobe a Deus”.<sup>12</sup>

Acerca disso, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, define liturgia com as seguintes palavras:

Realmente, nesta grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua amadíssima esposa, que invoca seu Senhor, e por ele presta culto ao eterno Pai. Com razão, portanto, a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Jesus Cristo, cabeça e membros, presta a Deus o culto público integral. Por isso, toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau.<sup>13</sup>

Por meio da liturgia, Cristo cumpre aquilo que promete quando diz que, “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou

---

<sup>10</sup> BOSELLI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. p. 18.

<sup>11</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010. Is 55,11.

<sup>12</sup> VAGAGGINI, Cipriano. **O Sentido Teológico da Liturgia**. Trad. Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009. p. 129.

<sup>13</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 37-38; SC 7.

eu no meio deles”,<sup>14</sup> e ainda quando diz aos seus discípulos antes de subir aos céus: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.<sup>15</sup> Enfatiza-se que a presença de Cristo nas ações litúrgicas se dá de forma especial, mas não se restringe a elas, pois “Cristo está sempre presente em sua Igreja”.<sup>16</sup>

Na liturgia, a ação é de Deus que age santificando e, à Igreja, cabe a resposta por meio do culto a Deus. Há algo de inseparável entre a ação de Deus e a ação da Igreja, pois ambas se relacionam e fazem parte da mesma realidade litúrgica. Essa íntima união acontece porque o ser humano é chamado a responder a Deus, reconhecendo-o como seu Senhor pelo culto, de modo livre e consciente, não sendo mero receptor passivo da ação santificadora divina.<sup>17</sup>

Sobre o culto cristão, pode-se defini-lo com as palavras de Escobar: o culto é “o conjunto de atos com os quais a criatura honra a Deus, e recebe e administra as coisas divinas”.<sup>18</sup> Cristo inaugura o culto em Espírito e em Verdade,<sup>19</sup> que se exprime na oferta de sua própria vida. A existência de Cristo é o que plenifica o culto cristão, pois a sua Pessoa é o templo, que é seu Corpo glorificado, o único altar, o único sacerdote e sacrifício. Assim, o culto cristão se alarga na existência, enquanto vivida na fidelidade a Deus.<sup>20</sup>

Dentro dessa compreensão sobre a liturgia da Igreja, pode-se acrescentar a definição de *mistério celebrado pelo ser humano*, que ressalta três características essenciais para a metodologia da liturgia moderna. A liturgia é *mistério* porque o centro é a Páscoa, que se perpetua na Igreja e no mundo pela celebração litúrgica; a liturgia é *celebração* porque é ação sagrada do próprio Cristo Sacerdote por meio dos sinais sensíveis; a liturgia tem ainda a dimensão antropológica, ou seja, a participação do *ser humano* associado a Cristo, como membro da Igreja, e assim glorifica a Deus e é por ele santificado.<sup>21</sup>

---

<sup>14</sup> Mt 18,20.

<sup>15</sup> Mt 28,20.

<sup>16</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 37; SC 7.

<sup>17</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 129.

<sup>18</sup> ESCOBAR, 2005, p. 53.

<sup>19</sup> Jo 4,24.

<sup>20</sup> ESCOBAR, 2005, p. 54.

<sup>21</sup> CANALS, Juan María. Liturgia e metodologia. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental**. v. 1. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000. p. 26.

## 1.2 A LITURGIA E SEU CARÁTER OFICIAL

A liturgia da Igreja tem um caráter normativo e oficial, que indica como se deve crer pelo modo de rezar. A liturgia propõe a fé do Magistério Ordinário da Igreja<sup>22</sup> para todo povo de Deus, a fim de que ele possa aderir a essa fé e haja uma profunda relação de fé entre todos os membros da Igreja. Portanto, pode-se dizer que liturgia e fé estão em estreita relação.<sup>23</sup>

Existe um axioma<sup>24</sup> litúrgico-teológico que defende e explicita o caráter normativo e oficial da liturgia para a Igreja. Trata-se do axioma *Legem credendi lex statuat supplicandi* ou simplesmente *lex orandi lex credendi*, isto é, que “o modo obrigatório de rezar determine o modo obrigatório de crer”.<sup>25</sup> O axioma se encontra em um opúsculo chamado *Indulicus de gratia Dei* (Pequeno catálogo sobre a graça de Deus) da Cúria Romana, datado do século V, escrito no contexto da heresia pelagiana e semipelagiana.<sup>26</sup> Muito provavelmente o documento foi elaborado por São Próspero de Aquitânia, a quem se atribui o axioma,

---

<sup>22</sup> Magistério Ordinário da Igreja são o Papa e os Bispos que estão em comunhão com ele, os quais são responsáveis por ensinar os fiéis a verdade sobre o que se deve crer, sobre a caridade a se praticar e sobre a felicidade que se deve esperar. Sua autoridade se traduz pelo carisma da infalibilidade que acontece por sua participação na autoridade de Cristo, que torna o Magistério guardião da revelação divina, de todos os elementos da doutrina, a fim de preservar as verdades da fé. (CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 535; CIC 2034-2035.).

<sup>23</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 437.

<sup>24</sup> Axioma é uma sentença que possui dignidade e autoridade especiais. Trata-se de princípio primeiro, é aceito por todos como normativo. (TABORDA, 2009, p. 24. Nota de rodapé.).

<sup>25</sup> TABORDA, Francisco. **O Memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009. p. 22.

<sup>26</sup> Pelagianismo ou semipelagianismo é uma heresia condenada pela Igreja, que coloca no lugar do mistério e da graça, o poder da vontade humana ou esforço pessoal. Seus adeptos dizem que tudo se pode fazer com a vontade humana, como algo perfeito e onipotente, e a graça divina aparece como acréscimo. Na carta aos Romanos 9,16 se verifica que a escolha de Deus não depende do esforço humano, mas de Deus somente, que usa de misericórdia para a escolha. Diante disso, percebe-se que o que mais falta nessa mentalidade é reconhecer as limitações humanas para que a graça de Deus possa atuar na abertura sincera do coração. (FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 28-29; GEE 47-50.).

mas que tem todo o pensamento da Cúria Romana da época.<sup>27</sup> No *Indulicus* se encontra:

(...) tenhamos em consideração também os sacramentos das públicas orações sacerdotais, que, traduzidos desde os Apóstolos, são celebrados uniformemente em todo o mundo e em cada Igreja católica, para que a norma do orar determine a norma do crer.<sup>28</sup>

Como se nota, o axioma está no contexto dos sacramentos das públicas orações sacerdotais, que são feitas em toda a Igreja desde os apóstolos, aqui, destacando a oração pela conversão dos hereges semipelagianos. Se há a efetivação da conversão, ela não acontece em vão, mas porque houve a súplica da Igreja pela graça de Deus que operou. Desse modo, Giraudo busca explicitar o raciocínio de Próspero da seguinte forma:

A norma do orar determina a norma do crer; ora, nós *oramos para que* Deus conceda aos “maus” a graça necessária à conversão, e muitos se convertem; logo, *devemos crer que*, aos *maus* que se convertem, Deus concede a graça necessária à conversão.<sup>29</sup>

O fundamento do axioma litúrgico-teológico é neotestamentário, presente em 1 Timóteo 2,1-6, em que há uma recomendação do apóstolo Paulo aos fiéis, mas que Próspero interpreta como ordem e lei:<sup>30</sup>

Recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e ações de graças, por todos os homens, pelos reis e todos os que detêm a autoridade, a fim de que levemos uma vida calma e serena, com toda piedade e dignidade. Eis o que é bom e aceitável diante de Deus, nosso

---

<sup>27</sup> TABORDA, 2009, p. 25.

<sup>28</sup> DENZINGER, Hünermann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de Fé e Moral**. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007. p. 94, n. 246.

<sup>29</sup> GIRAUDO, Cesare. **Num só Corpo**: tratado mistagógico sobre a Eucaristia. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003. p. 16. (Grifo do autor.)

<sup>30</sup> TABORDA, 2009, p. 25.

Salvador, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. (...) Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade.<sup>31</sup>

Vagaggini, buscando um sentido preciso do autor do *Indulicus*, diz sobre o texto citado:

(...) a fim de que da obrigação que nos dá o Apóstolo (1 Tm 2,1-4) e a quem satisfazem os bispos na liturgia, de rezar por todos a fim de que a todos seja dada a graça (*lex orandi*), apareça clara também a obrigação de crer, contra os pelagianos e semipelagianos, que a graça é necessária para todos (*lex credendi*).<sup>32</sup>

Além do fundamento bíblico, Próspero herda também de Santo Agostinho de Hipona o conteúdo para seu axioma *lex orandi lex credendi*. Em sua obra *O dom da perseverança*, Agostinho apresenta indícios dessa ideia ao discorrer contra os hereges em defesa do que a Igreja fala sobre a predestinação:

Oxalá os tardos de inteligência e de pouca instrução, incapazes ainda de entender as Escrituras ou seus comentários, ouvissem, ou melhor, não ouvissem nossas discussões sobre esta questão e estivessem mais voltados para as orações que a Igreja sempre recomendou desde o seu início e recomendará até o fim deste mundo. Pois, nesta questão, que somos levados não somente a proclamar, mas também a defender agora contra os novos hereges, a Igreja nunca se omitiu em suas orações, embora algumas vezes não a encarecesse claramente pelo fato de não haver adversários. Quando não rezou na Igreja pelos infiéis e pelos inimigos para que abraçassem a fé?<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> 1Tm 2,1-6.

<sup>32</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 454. (Grifo do autor.)

<sup>33</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. **A Graça (II) O Dom da Perseverança**. São Paulo: Paulus, 1999. p. 278-279; n. 23, 63.

Qualifica-se a *lex orandi* quando se nota nela a fundamentação na Escritura e seu uso em toda a Igreja na prática litúrgica, mostrando que o conteúdo da prece da Igreja tem valor de fé, e por sua vez, é norma de fé.<sup>34</sup> A liturgia pressupõe a fé, mas também a exprime e a propõe, no intuito de que cada fiel possa aderir a ela com maior convicção, buscando a sua devida explicitação, a fim de vivê-la e fortificá-la.<sup>35</sup> Aqui se destaca a importância de se ser fiel aos textos litúrgicos, para que não aconteçam erros doutrinários em improvisações desnecessárias.<sup>36</sup>

A expressão da fé do Magistério e de todo o povo deve ser manifestado em âmbito litúrgico, pois a liturgia é, de fato, um dos lugares onde o Magistério Ordinário da Igreja se manifesta oficialmente ou encontra o fundamento para a oficialidade da fé.<sup>37</sup> A liturgia e a fé se relacionam profundamente, pois não se pode rezar com o que não se crê e, ao mesmo tempo não é possível ter fé e não a expressar no culto e na vida. Para tanto, o axioma *lex orandi lex credendi* quer evidenciar que a liturgia expressa a fé divina da Igreja, e que esta liturgia não pode estar separada da Palavra de Deus, da Tradição Apostólica e da comunhão de fé que as gerações passadas deram por herança. Trata-se das fontes puras da fé da Igreja, que é justamente o que a liturgia deve ter como depósito.<sup>38</sup>

Diante desse axioma litúrgico-teológico *lex orandi lex credendi*, Triacca apresenta um conceito a mais e que vem ao encontro de onde se quer chegar nesta pesquisa. Trata-se da *lex vivendi*,<sup>39</sup> ou seja, a lei do

---

<sup>34</sup> TABORDA, 2009, p. 26-27.

<sup>35</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 455.

<sup>36</sup> Ao se falar de normativa da liturgia, enfatizando o axioma *lex orandi lex credendi*, não se quer dizer que a liturgia é engessada, ou seja, que não sofre alterações ao longo dos anos e que não se pode utilizar da criatividade. Pelo contrário, a liturgia sofreu alterações ao longo dos anos e dos Concílios, para que pudesse ter a linguagem dos fiéis, considerando sempre o verdadeiro espírito litúrgico. A respeito das alterações dos textos litúrgicos, elas são de competência da autoridade eclesial, que poderá discernir melhor a linguagem para o povo de Deus, bem como o conteúdo dos textos eucológicos. (CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 49-50; SC 37-38.).

<sup>37</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 437.

<sup>38</sup> TAMBURRINO, Pio. Ecumenismo. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 321.

<sup>39</sup> Embora a *lex vivendi* seja entendida como consequência da *lex orandi lex credendi* na liturgia, é preciso considerar que a liturgia também faz parte da vida; é tempo distinto, porém não é diferente, é ação sinérgica.

viver ou do praticar, ou ainda, a ética, sendo determinada pela fé e pela oração litúrgica da Igreja. Ao apresentar esse acréscimo, Triacca quer mostrar que a realidade sacramental está em sintonia com a vida do cristão, expressando assim que a liturgia é algo vital na dinâmica eclesial.<sup>40</sup> Nessa perspectiva, os três aspectos *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi* estão em estreita relação e a liturgia é de fundamental importância para o adequado efeito dessa sequência, enquanto mistério de Deus na celebração, no pensamento e na prática da vida de cada cristão.<sup>41</sup>

Taborda explana essa ideia dizendo que a liturgia, além de ser um lugar teológico, pode ser vista como um lugar ético, por ser também fonte de conhecimento da moral cristã e por incentivar a ação dessa moral.<sup>42</sup> A *lex vivendi*, também dita por Giraudo como *lex agendi*, faz com que se compreenda a liturgia como aquela que leva o fiel a um compromisso ético, que transforma os membros da Igreja em um só corpo, direcionando a todos para Deus e naturalmente àqueles aos quais se deve fazer próximo.<sup>43</sup> Por isso, se quer buscar um culto mariano a partir dos textos litúrgicos das solenidades marianas, para que a Virgem Maria, modelo de vida cristã, contribua pelo seu exemplo e intercessão, na busca pela vida de santidade de cada cristão.

### 1.3 OS TEXTOS EUCOLÓGICOS E O MISSAL ROMANO

Tendo em vista a importância da liturgia para a fé, parte-se para o entendimento do que são os textos eucológicos utilizados dentro da liturgia da Igreja. A palavra *eucologia*, de origem grega, é a junção de duas palavras: *euché* (oração) e *logos* (discurso). Destarte, eucologia “é o conjunto das orações contidas em um formulário litúrgico, em um livro ou, em geral, nos livros de uma tradição litúrgica”.<sup>44</sup> Estes, chamados textos litúrgicos, querem traduzir em palavras bem aplicadas

---

<sup>40</sup> TRIACCA, Achille M. **Lo Spirito Santo nella Liturgia e nella Vita dela Chiesa**. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2011. p. 201.

<sup>41</sup> TABORDA, 2009, p. 36-38.

<sup>42</sup> TABORDA, 2009, p. 39.

<sup>43</sup> GIRAUDO, 2003, p. 565-566.

<sup>44</sup> AUGÉ, Matias. Eucologia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 415.

o mistério do culto, considerando, sem dúvida, o contexto cultural da assembleia.<sup>45</sup>

Os textos eucológicos se encontram nos livros litúrgicos, dentre eles, no Missal Romano. O Missal é um dos livros litúrgicos utilizados na Celebração Eucarística e nele se contém as orações do presidente da celebração, as orações do próprio de cada Tempo do Ano Litúrgico e das suas circunstâncias, o próprio dos Santos, o Ordinário (as partes fixas do rito), as Missas Rituais, as Missas Votivas, as Missas para diversas Circunstâncias, as Missas pelos Defuntos. Existem diversas orações e prefácios no Missal, cada qual de acordo com o Tempo Litúrgico que se está celebrando. O Missal tem caráter oficial para a comunidade cristã celebrar a Eucaristia, e nele há as orações e cantos a Deus para todo o ano.<sup>46</sup>

Para haver um fundamento acerca da importância do Missal Romano para a vida da Igreja, apresentam-se alguns fatores que enfatizam a sua essencialidade no tempo e no espaço litúrgico. O papa Paulo VI, na Constituição Apostólica que promulga o Missal Romano restaurado pelo Concílio Vaticano II, declara:

Por fim, queremos dar força de lei a tudo o que até aqui expusemos sobre o novo Missal Romano. Nosso Predecessor S. Pio V, promulgando a edição-príncipe do Missal Romano, apresentou-a ao povo cristão como fator de unidade litúrgica e sinal de pureza do culto da Igreja. Da mesma forma Nós, no novo Missal, embora deixando lugar para legítimas variações e adaptações, segundo as normas do Concílio Vaticano II, esperamos que seja recebido pelos fiéis como um meio de testemunhar e afirmar a unidade de todos, pois, entre tamanha diversidade de línguas, uma só e mesma oração, mais fragrante que o incenso, subirá ao Pai celeste por nosso Sumo Sacerdote Jesus Cristo, no Espírito Santo.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> AUGÉ, 1992, p. 416.

<sup>46</sup> INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano. Com. José Aldazábal. 5. ed. Trad. Ricardo Souza de Carvalho. Paulinas: São Paulo, 2012. p. 14-15.

<sup>47</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 21.

Confirma-se a qualidade litúrgica do Missal Romano, percebendo que é o livro da oração da Igreja na liturgia da Celebração Eucarística e que nele está contido as Escrituras de uma forma eminente, a tal ponto que pode ser chamado de livro da *Lectio Divina*<sup>48</sup> por se tratar da conclusão de uma leitura amadurecida das Escrituras. A liturgia é considerada como que o útero materno da Sagrada Escritura dos cristãos e conserva-se como seu ambiente por excelência.<sup>49</sup>

“Todavia o missal é, certamente, o livro que mais do que todos os outros interage com as Escrituras: é a própria ação litúrgica que instaura uma relação essencial entre missal e Escrituras. Os textos do missal não são outra coisa que a resposta da assembleia litúrgica à escuta das Escrituras: a ponto que, se desde o início, não tivesse havido por parte da Igreja a escuta da Palavra de Deus contida nas Escrituras, hoje nós não teríamos entre as mãos o missal. (...) Os textos litúrgicos do missal são o fruto mais maduro da escuta eclesial das Escrituras, são a essência mais pura da ruminação da Palavra de Deus pela Igreja.”<sup>50</sup>

O axioma *lex orandi lex credendi* pode ser melhor entendido ao ser relacionado com o Missal Romano, pois é também nele que está contido o conteúdo da oração da Igreja, e por sua vez, o conteúdo da fé da Igreja em um vínculo muito estreito. Assim como o cânon das Escrituras, a Igreja também se preocupou em fixar o cânon da oração,

---

<sup>48</sup> *Lectio Divina* é um método de leitura das Sagradas Escrituras, que tem o objetivo de encontrar o tesouro da Palavra de Deus e de criar um encontro com Cristo, o Verbo Divino. Seus passos são o seguinte: a *lectio* ou leitura do texto, que interroga sobre o que diz o texto bíblico em si; depois há a *meditatio* ou meditação, na qual se pergunta sobre o que o texto diz à pessoa que o está lendo, sendo algo mais pessoal; depois há a *oratio* ou oração, que questiona sobre o que se pode dizer ao Senhor em resposta à sua Palavra; por fim, há a *contemplatio* ou contemplação, quando se interroga sobre qual é a mudança a ser feita na vida do leitor, a partir da leitura e de todo esse processo. A dinâmica da *lectio* se conclui com a *actio* ou ação, que visa a caridade na vida do fiel leitor. (BENTO XVI. **Exortação Apostolólica *Verbum Domini***. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 159-160; VD 87.).

<sup>49</sup> BOSELLI, 2017, p. 131-134.

<sup>50</sup> BOSELLI, 2017, p. 133.

selecionando os textos criados ao longo dos séculos, fazendo do Missal Romano o lugar onde o cristão encontra o cânon da sua oração.<sup>51</sup> Para que se perceba a riqueza e a importância dos textos litúrgicos, de que o cristão deve estar consciente, Boselli realça:

É preciso que se tome consciência de como o Amém, através do qual a assembleia faz próprio e ratifica o conteúdo do texto litúrgico, seja expressão mais alta da consciência de que em toda oração litúrgica está expressa a fé da Igreja. Por isso, não existe oração litúrgica sem o Amém da assembleia, isto é, sem aquele selo através do qual a assembleia diz: *Sim, esta é a nossa oração, esta é a oração da Igreja*. O Amém litúrgico é, por assim dizer, um corolário da profissão do artigo de fé *creio na Igreja*; neste *creio na Igreja* está contido, implicitamente, o *creio naquilo que a Igreja reza*.<sup>52</sup>

Dentro das orações do Missal Romano existem dois tipos de eucologia, a saber: eucologia maior e eucologia menor. A eucologia maior compreende a prece eucarística e as orações de bênção ou consagração. O prefácio é o início da prece eucarística. Ele “contém os motivos concretos pelos quais se faz a ação de graças eucarística, motivos que não são senão o mistério que se celebra no dia ou no tempo litúrgico”.<sup>53</sup> Jungmann reforça o valor que tem os prefácios:

É a tentativa de criar, com palavras humanas, uma moldura digna e, sobretudo, uma entrada adequada para o santo mistério que vai se realizar em nosso meio e que vamos levar até Deus. O convite que precedeu e as palavras introdutórias

---

<sup>51</sup> BOSELLI, 2017, p. 135.

<sup>52</sup> BOSELLI, 2017, p. 135-136. (Grifo do autor.)

<sup>53</sup> FERNÁNDEZ, Luis María; RUSSO, Roberto. A oração litúrgica. In: Conselho episcopal latino-americano (CELAM). Trad. Maria S. Gonçalves. **Manual de Liturgia**. A celebração do mistério pascal: Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005. p. 220.

caracterizam a oração destinada a esse fim como oração de ação de graças.<sup>54</sup>

Segundo o mariólogo Bigotto, os prefácios obtêm a fé limpa e pura da Igreja, bem como uma amorosidade em seu modo oracional de ser. Bigotto afirma que os prefácios “propõem o pedestal sólido da fé da Igreja, permanecendo breves, densos, transparentes. Eles deveriam ser lidos como em clima de oração”.<sup>55</sup>

A eucologia menor, dentro da Celebração Eucarística, compreende a oração *coleta*, a oração sobre as oferendas, a oração pós-comunhão e a oração sobre o povo. Todas as orações da eucologia menor pertencem a “uma ação ritual específica, no conjunto de toda a celebração”.<sup>56</sup> Cada texto da eucologia menor possui sua peculiaridade:

(...) a oração *coleta* encerra os ritos iniciais centra-se na comunidade já congregada, enquanto a oração *sobre o povo*, centrada também sobre a comunidade, pertence ao rito de despedida. A oração *sobre as oferendas* situa-se no final do rito da apresentação dos dons sobre o altar, e a oração *pós-comunhão* serve para concluir o rito da comunhão mediante a ação de graças; ambas as orações, uma antes e outra depois da grande prece eucarística, respectivamente, têm como centro de interesse os dons eucarísticos.<sup>57</sup>

A primeira das três orações, dita *coleta*, tem esse nome no sentido de que o sacerdote recolhe a oração da assembleia e a eleva até Deus. Essa oração expressa o querer de Deus de estar com seu povo. A graça divina acompanha a oração da comunidade reunida.<sup>58</sup>

A oração sobre as oferendas é chamada também de *secreta*, porque em meados do século VIII, o sacerdote a rezava em voz baixa. Conforme Jungmann, a “oração sobre as oferendas confere à oblação e

---

<sup>54</sup> JUNGSMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Trad. Monika Ottermann. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 584.

<sup>55</sup> BIGOTTO, Giovanni Maria. *Maria: a Mãe de Jesus*. Coleção Maria em nossa vida São Paulo: Paulinas, 2013. p. 31.

<sup>56</sup> FERNÁNDEZ, 2005, p. 224.

<sup>57</sup> FERNÁNDEZ, 2005, p. 224. (Grifo do autor.)

<sup>58</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 357.

ao depósito da oferenda material seu encerramento e a interpretação de seu sentido, traduzindo-os para a linguagem da oração”.<sup>59</sup>

A oração pós-comunhão pode ser considerada como oração de agradecimento pelos dons recebidos. Também dá sempre alusão à comunidade reunida enquanto comunhão, que se alimenta na mesma mesa eucarística. Tem um caráter de súplica, visando o efeito do Sacramento recebido, no intuito de que, pelo Corpo e Sangue de Cristo, triunfe a sua obra salvadora naqueles que dele comungaram.<sup>60</sup>

Além dessas orações, existem as antífonas, que são versículos prévios, e podem ter sua origem devido a uma necessidade musical para um início seguro acerca das melodias dos salmos que eram cantados posteriormente.<sup>61</sup> As antífonas estão presentes dentro da Celebração Eucarística com uma função de exortação, dentro de ritos particulares, como o introito e a comunhão.<sup>62</sup> As antífonas querem ressaltar algum pensamento que merece atenção e que não pode passar despercebido, e ajudam a interpretar aquilo que se está celebrando.<sup>63</sup> São duas antífonas para cada Celebração Eucarística, a Antífona da Entrada e a Antífona da Comunhão.

Diante de toda a abordagem litúrgica deste capítulo, pode-se ressaltar que a liturgia tem a sua primazia dentro da vida da Igreja, por oferecer o alimento necessário para todo cristão e, por meio do culto litúrgico, Deus é glorificado e o ser humano é santificado. Muito mais que usar da liturgia para gostos particulares, é preciso percebê-la como herança de muitos séculos de história, e que ela possui seu caráter oficial em seus textos litúrgicos aprovados pelo Magistério da Igreja.

---

<sup>59</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 561-564. (Grifo do autor.)

<sup>60</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 854-858.

<sup>61</sup> JUNGSMANN, 2008, p. 321.

<sup>62</sup> NOSETTI, Aurelio; CIBIEN, Carlos. Pequeno vocabulário litúrgico: Antifonia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 1253.

<sup>63</sup> INSTRUÇÃO Geral sobre a Liturgia das Horas. Com. José Aldazábal. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 78; n. 113.

## 2 OS TEXTOS EUCOLÓGICOS DAS SOLENIDADES MARIANAS

A partir da compreensão dos termos referentes à liturgia, quer-se apresentar e analisar os textos eucológicos das solenidades marianas ao longo do Ano Litúrgico. Levando em conta que esses textos pertencem ao caráter oficial da Igreja, tem-se por objetivo encontrar neles um autêntico culto mariano, no intuito de situar Maria no contexto do único culto cristão. O centro sempre é o próprio Cristo. Portanto, “na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente dele”.<sup>64</sup>

O papa Paulo VI diz na Exortação Apostólica *Marialis Cultus* que para encontrar o lugar que a Virgem Maria ocupa no culto cristão, é preciso voltar o olhar para a Sagrada Liturgia, pois ela contém a doutrina e a eficácia pastoral.<sup>65</sup> Por sua vez, a liturgia da Igreja se harmoniza dentro do Ano Litúrgico, o qual se organiza para celebrar a obra sagrada da salvação de Cristo no decorrer do ano. Da encarnação e nascimento de Cristo até a sua ascensão e o pentecostes, a Igreja busca revelar e recordar os mistérios da redenção. Ela oferece as riquezas das obras e merecimentos do Senhor, tornando-os presentes a todo tempo, para que os fiéis tenham um contínuo contato com eles e obtenham a abundância da graça salvífica.<sup>66</sup>

Enfatiza-se assim, que a presença de Maria na liturgia não é exclusiva e individual, mas está dentro de um ciclo que gira em torno do mistério de Cristo e da Igreja no Ano Litúrgico, como se clarifica na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Por isso, o sagrado Concílio, ao expor a doutrina acerca da Igreja, na qual o divino Redentor realiza a salvação, pretende esclarecer cuidadosamente não só o papel da Virgem Santíssima no mistério do Verbo encarnado e do Corpo místico, mas também os deveres dos homens resgatados para com a Mãe de Deus, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, sobretudo dos fiéis.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. v. 2. Brasília: CNBB, 2016. p. 32; MC 25.

<sup>65</sup> PAULO VI, 2016, p. 13; MC 1.

<sup>66</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 69; SC 102.

<sup>67</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. 1964. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/>

Devido à presença salutar de Maria no Ano Litúrgico e na economia da salvação, ela ocupa um lugar de destaque na vida da Igreja, o que possibilita também a contemplação de tão exímio modelo e imagem de santidade para a prática da vida cristã. Acerca disso, os Padres conciliares dizem:

Neste ciclo anual da celebração dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, e porque unida indissolavelmente à obra de salvação do seu Filho, a bem-aventurada virgem Maria, Mãe de Deus, em quem contempla, como em puríssima imagem, tudo o que ela deseja e espera com alegria ser.<sup>68</sup>

Dentro do Ano Litúrgico a Virgem Maria é celebrada em solenidades,<sup>69</sup> festas e memórias. Este trabalho aborda as três solenidades marianas ligadas aos dogmas marianos, junto com seus textos eucológicos, a saber: a solenidade da Imaculada Conceição, da Santa Mãe de Deus e da Assunção de Nossa Senhora, seguidos de acordo com o Ano Litúrgico.

Beckhäuser apresenta três importantes aspectos que se verificam nos textos eucológicos do culto mariano, e que cabe dizer de antemão:

Primeiro, trata-se de um culto dirigido propriamente a Deus. Deus é admirável nos seus santos. São comemoradas as maravilhas de Deus realizadas no seu Filho e por seu Filho na força do Espírito Santo, em Maria e nos santos em geral. Por isso, todas as orações se dirigem ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Segundo, Maria e todos os santos são comemorados como exemplos a serem imitados. Terceiro, a intercessão de Maria e

---

hist\_councils /ii\_vatican\_council /documents/vat-ii\_const\_19641121\_lumen-gentium\_po.html>. Acesso em: 01 abr. 2019; LG 54.

<sup>68</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 69; SC 103.

<sup>69</sup> As solenidades são celebrações dos dias mais importantes no Ano Litúrgico, consideradas de preceito, e são permeadas com Primeiras Vésperas, algumas até com Vigília, para diferenciar dos outros dias, destacando esse dia de celebração. (BERGAMINI, Augusto. **Cristo, Festa da Igreja: História, Teologia, Espiritualidade e Pastoral do Ano Litúrgico**. 2. ed. Trad. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 18.)

dos santos em geral junto a Deus. Assim, o culto à Mãe de Deus e dos santos conduz ao mistério de Cristo, o revela e o torna presente. Em Maria, a Igreja vive a vocação, a missão e o destino da humanidade, expressos nas solenidades ligadas aos dogmas marianos durante o Ano Litúrgico: sua Imaculada Conceição, a Maternidade divina e a Assunção em corpo e alma aos céus.<sup>70</sup>

Ao abordar as solenidades marianas, se está entrando no campo dogmático da Igreja. Por isso, cabe dizer que dogma é uma definição da Igreja acerca de verdades pertencentes à Revelação divina, que obriga o povo cristão a adesão da fé.<sup>71</sup> De acordo com Murad, dogmas são como placas ou balizas que apontam o caminho certo para o Cristo, para que não se desvie do caminho da integridade da fé da Igreja.<sup>72</sup> As formulações dos dogmas trazem sempre algum aspecto humano e é uma parte de todo o mistério de Cristo, sempre querendo conduzir para a escatologia, num caminho de encontro com Deus.<sup>73</sup>

São quatro os dogmas marianos. Os dois primeiros, de acordo com a história, são o da Maternidade e da Virgindade; os dois últimos, o da Imaculada Conceição e da Assunção. A Virgindade, a Imaculada e a Assunção vêm para destacar a Maternidade de Maria, sendo que a Imaculada prepara sua maternidade, e a Assunção a completa.<sup>74</sup>

Tendo como princípio primordial a análise dos textos eucológicos das três solenidades marianas, debruçar-se-á sobre cada texto, a fim de que haja uma garantia da importância da Virgem Maria na vida cristã por meio da liturgia, em seu caráter oficial.

---

<sup>70</sup> BECKHÄUSER, Alberto. Maria nos textos eucológicos. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na Liturgia e Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 73-74.

<sup>71</sup> CATECISMO..., 2000, p. 36; CIC 88.

<sup>72</sup> MURAD, Afonso. **Maria: toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012. p. 127.

<sup>73</sup> AIELLO, Angelo G. Dogmas. In: FIORES, Stefano de. MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995. p. 410-411.

<sup>74</sup> BOFF, Clodovis M. **Dogmas Marianos: síntese catequético-pastoral**. São Paulo: Ave-Maria, 2010. p. 9-10.

## 2.1 SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO

A solenidade da Imaculada Conceição<sup>75</sup> é celebrada no dia 8 de dezembro, dentro do Tempo do Advento,<sup>76</sup> já nos primeiros dias do Ano Litúrgico. De fato, o Advento é o tempo mais adequado para essa solenidade, pois contribui para que se perceba o cumprimento da missão de Maria dentro da história da salvação. No contexto do Advento e Natal, estreitando a espera do Messias e da sua segunda vinda, celebra-se a memória da Virgem Mãe do Senhor, aquela que é Toda Santa.<sup>77</sup> O dogma da Imaculada foi promulgado em 1854 por Pio IX, afirmando que Maria foi “preservada de toda mancha do pecado original desde o primeiro instante da sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onipotente e em atenção aos merecimentos de Jesus Cristo”.<sup>78</sup> Todavia, a doutrina sobre a Imaculada já era antes defendida por famílias religiosas e por doutores da Igreja.<sup>79</sup>

Na Bula *Ineffabilis Deus*, que promulgou o dogma, Pio IX esclarece que “Deus, desde o princípio e antes dos séculos, escolheu e pré-ordenou para seu Filho uma Mãe, na qual ele se encarnaria, e da qual, depois, na feliz plenitude dos tempos, nasceria”,<sup>80</sup> dando a ela uma singular afeição. A Imaculada Conceição<sup>81</sup> quer destacar que, em Maria,

---

<sup>75</sup> Os Padres gregos apresentam Maria como Toda Santa em seus hinos, ressaltando a santidade que tem aquela que é cheia de graça. Esse título vem ao encontro de uma ótica mais positiva acerca da salvação, enquanto nova vida em Cristo. A tendência dos latinos, por sua vez, é colocar Maria em relação ao pecado e não tanto a Cristo, ao qual pode deixar desfalcado a compreensão do verdadeiro sentido do dogma, que deve considerar a graça original. (FIORES, Stefano de. Teologia da Imaculada Conceição. In: FIORES, Stefano de.; MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995. p. 612.). No entanto, a compreensão de Toda Santa (*Pan-ágia*) dos ortodoxos, não se equipara a Imaculada Conceição dos ocidentais. (MURAD, 2012, p. 164.)

<sup>76</sup> Os tempos do Advento e do Natal são os únicos do Ano Litúrgico onde Maria ocupa um lugar de destaque nos textos eucológicos de forma organizada. (BERGAMINI, 1994, p. 452.)

<sup>77</sup> BERGAMINI, 1994, p. 458.

<sup>78</sup> PIO IX. **Bula *Ineffabilis Deus***: Dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. v. 6. 2. ed. Brasília: CNBB, 2016. p. 27; ID 41.

<sup>79</sup> PIO IX, 2016, p. 16; ID 17.

<sup>80</sup> PIO IX, 2016, p. 9-10; ID 2.

<sup>81</sup> Na Idade Média surgem duas escolas para discutirem sobre a Imaculada Conceição. São os maculistas e os imaculistas. Os maculistas eram os

a graça antecedeu a natureza, pois a Virgem não devia ser concebida sem antes que a graça afirmasse o seu poder nela. A Virgem é qualificada como o tabernáculo construído por Deus e sua obra-prima, “porque devia ser concebida aquela primogênita da qual seria depois concebido o primogênito de toda criatura”.<sup>82</sup> Nesse sentido, a Igreja faz a sua leitura protológica em Maria, ou seja, busca nela o princípio do que realmente a Igreja é, e também da nova humanidade inaugurada por Cristo.<sup>83</sup>

O dogma se fundamenta na mensagem do anjo na Anunciação à Virgem, presente no evangelho de Lucas, que diz: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”.<sup>84</sup> Qualificando-a cheia de graça, entende-se que ela não conheceu nenhum pecado e nem mesmo suas consequências, pois se diz cheia quando se está em plenitude, ou seja, quando não há lugar para mais nada.<sup>85</sup> Clodovis Boff enfatiza o primado da graça que o dogma da Imaculada quer evidenciar:

De fato, a Imaculada representa o triunfo da graça das origens. Ela mostra o estado de vocação originária de cada pessoa humana, de toda a humanidade e mesmo de toda a criação. É o testemunho da *predestinação* à graça, como realidade mais radical que a situação de pecado e, portanto, que a própria redenção do pecado.<sup>86</sup>

Diante dessa compreensão da vocação do ser humano ao primado da graça, Maria é tida como membro da Igreja, enquanto tipo para todos

dominicanos, que diziam que Maria foi purificada do pecado original durante a sua gestação; já os imaculistas, que eram os franciscanos, defendiam que Maria foi purificada no momento da sua concepção. Posteriormente, aparece o franciscano Duns Scot e fala sobre a pré-redenção de Maria, afirmando que a graça de Cristo veio para prevenir Maria do pecado. Tal teoria vai ganhando espaço ao longo dos anos, até alcançar a promulgação do dogma em 1854. (MURAD, 2012, p. 164.)

<sup>82</sup> PIO IX, 2016, p. 22; ID 30.

<sup>83</sup> PAREDES, José Cristo R. G. **Mariologia**: síntese bíblica, histórica e sistemática. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2011. p. 355.

<sup>84</sup> Lc 1,28.

<sup>85</sup> LIRA, Bruno Carneiro. **A Virgem Maria no Ano Litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 26.

<sup>86</sup> BOFF, Clodovis M. **Mariologia Social**: o significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. p. 507. (Grifo do autor.)

os fiéis cristãos, “saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade”.<sup>87</sup>

Em síntese, Maria foi enriquecida pelos dons mais dignos para ser Mãe do Filho de Deus, porque sempre esteve preservada de toda mancha do pecado e livre de qualquer contágio no corpo, na alma e no intelecto. Sempre se manteve na luz perpétua, sem nenhum resquício de trevas, por estar tão unida a Deus, numa aliança singular e eterna e, deste modo, tendo a dignidade de ser habitação de Cristo pela graça original.<sup>88</sup> Esta união perfeita de Maria com Deus, pode ser compreendida no âmbito da Santíssima Trindade. Ela “foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo”.<sup>89</sup>

### 2.1.1 Os textos eucológicos da Imaculada Conceição

A partir desse contexto e compreensão, parte-se para as eucologias da solenidade da Imaculada Conceição. Na oração *coleta* se apresenta Maria como digna habitação, sua preservação de todo pecado pelos méritos de Cristo:

Ó Deus, que preparastes uma digna habitação para o vosso Filho, pela imaculada conceição da Virgem Maria, preservando-a de todo pecado em previsão dos méritos de Cristo, concedei-nos chegar até vós purificados também de toda culpa por sua materna intercessão.<sup>90</sup>

Na oração sobre as oferendas se realça a realidade do pecado original:

Acolhei, ó Deus, o sacrifício da salvação que vos oferecemos na festa da Virgem Maria, concebida sem o pecado original; e, ao proclamarmos que a

---

<sup>87</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 53.

<sup>88</sup> PIO IX, 2016, p. 21-22; ID 29.

<sup>89</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 53.

<sup>90</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 715.

vossa graça a preservou de toda culpa, livrai-nos, por sua intercessão, de todo pecado.<sup>91</sup>

O prefácio, intitulado *Maria e a Igreja*, evidencia a preparação de Maria por parte de Deus, como digna habitação, sua preservação do pecado original, ela como modelo da Igreja e outras características:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todopoderoso. A fim de preparar para o vosso Filho mãe que fosse digna dele, preservastes a Virgem Maria da mancha do pecado original, enriquecendo-a com a plenitude da vossa graça. Nela, nos destes as primícias da Igreja, esposa de Cristo, sem ruga e sem mancha, resplandecente de beleza. Puríssima, na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador, o Cordeiro sem mancha, que tira os nossos pecados. Escolhida, entre todas as mulheres, modelo de santidade e advogada nossa, ela intervém constantemente em favor de vosso povo. Unidos à multidão dos anjos e dos santos, proclamamos a vossa bondade, cantando (dizendo) a uma só voz.<sup>92</sup>

Na oração pós-comunhão se fala da realidade das feridas do pecado original:

Senhor nosso Deus, que a comunhão na vossa Eucaristia cure em nós as feridas do pecado original, do qual Maria foi preservada de modo admirável ao ser concebida sem pecado.<sup>93</sup>

Enfatiza-se características da Virgem Maria nos textos eucológicos supracitados, que são ricos em conteúdo dogmático acerca

---

<sup>91</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 715.

<sup>92</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 716.

<sup>93</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 717.

da Imaculada Conceição. Na oração *coleta*, nota-se a presença da definição do dogma na Bula *Ineffabilis Deus* de Pio IX. Essa oração resume todo o mistério celebrado, e se diz que Maria foi preparada para ser digna habitação, preservada<sup>94</sup> de todo pecado em previsão dos méritos de Cristo, e se encerra com a intenção da purificação dos fiéis pela intercessão materna de Maria. Algumas características são próprias da pessoa de Maria, pelo fato de ser a Mãe do Salvador, mas não impedem de ver nesses aspectos uma possibilidade de modelo para a vida cristã, por meio da interpretação e atualização.

A oração das oferendas fala da concepção de Maria sem pecado original e preservada da culpa por meio da graça de Deus. O prefácio retoma algumas palavras da oração *coleta* e acrescenta ainda a teologia da *Lumen Gentium*, ao apresentar a Imaculada Conceição como primícias da Igreja.<sup>95</sup> Entende-se Igreja nesse contexto, como aquela “que se há de consumir no século futuro”,<sup>96</sup> e ainda como esposa de Cristo, “gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”.<sup>97</sup> Maria é vista como tipo e figura mais sublime da Igreja. Na Virgem Maria a Igreja já alcançou a sua perfeição original. Maria é modelo e auxílio no caminho da fé no seguimento de Jesus Cristo.<sup>98</sup> Ela também é chamada no prefácio de modelo de santidade e advogada, de modo muito particular para os cristãos, isto é, para aqueles que a cultuam.<sup>99</sup>

---

<sup>94</sup> O termo *preservada* é muito caro para a mariologia. A preservação de Maria das influências do mal, do pecado original, quer expressar a comunhão total de Maria com seu Filho Jesus Cristo, de modo que ela sempre esteve em comunhão total com a graça e, por isso, com a salvação. (PAREDES, 2011, p. 354.)

<sup>95</sup> São Francisco de Assis, em seus escritos, faz uma saudação muito especial a Virgem Maria apresentando-a, em meio a tantos títulos, como a “virgem feita Igreja, (...) em quem esteve e está toda a plenitude da graça e todo o bem”. (FRANCISCO DE ASSIS. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Trad. José C. C. Pedroso. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 187.)

<sup>96</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 68.

<sup>97</sup> Ef 5,27.

<sup>98</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 65.

<sup>99</sup> MORA, Alfonso. A Virgem Maria no Ano Litúrgico. In: Conselho episcopal latino-americano (CELAM). Trad. Herman H. Watzlawich. **Manual de Liturgia**. A Celebração do Mistério Pascal: outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a Liturgia na vida da Igreja. v. 4. São Paulo: Paulus, 2007. p. 66.

Na oração pós-comunhão, a comunidade pede a cura das feridas do pecado original pela comunhão na Eucaristia, ansiando alcançar o Reino. Contextualizada no Tempo do Advento, pode-se dizer que Maria convoca a comunidade a percorrer o seu caminho, do permanente Advento.<sup>100</sup>

Nos textos eucológicos se menciona o pecado original, dando ênfase para a preservação de Maria. De fato, na sua Imaculada Conceição, a Virgem Maria mostra o plano original da criação, como a Toda Santa, e em contraste ao pecado original traz presente a graça original. A Igreja desde seus inícios teve a consciência de que em Cristo um novo tempo começou, e o próprio Cristo é a origem deste tempo, ele que já existia antes de Adão e, por isso, antes da queda original. Se Jesus é o novo Adão e o santo, Maria é a nova Eva, reconhecida como cheia de graça.<sup>101</sup>

O papa João Paulo II explica em breves palavras essa união de cooperação de Maria, que com a expressão *mulher*<sup>102</sup> (nas bodas de Caná e junto à cruz), se relaciona ao plano da salvação de Jesus Cristo:

Maria, enquanto mulher, é associada à obra salvífica. Tendo criado o homem *varão e mulher* (Gn. 1,27), o Senhor quer, também na Redenção, pôr ao lado do Novo Adão a Nova Eva. O casal dos progenitores empreendera a via do pecado; um novo casal, o Filho de Deus com a colaboração da Mãe, haveria de restabelecer o gênero humano na sua dignidade originária.<sup>103</sup>

Enquanto em Adão e Eva se realça a fuga diante da presença de Deus após o pecado, em Jesus há a vinda de Deus e a acolhida da humanidade por parte de Maria, vivendo familiarmente com ele, cantando o *Magnificat*<sup>104</sup> e não hesitando em se fazer presente com ele

<sup>100</sup> BERGAMINI, 1994, p. 460-461.

<sup>101</sup> BIGOTTO, 2013, p. 452-453.

<sup>102</sup> Jo 2,4; 19,26.

<sup>103</sup> JOÃO PAULO II. **Audiência Geral: Maria, singular cooperadora da Redenção.** Vaticano, 9 abr. 1997. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiencias/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_09041997.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiencias/1997/documents/hf_jp-ii_aud_09041997.html)>. Acesso em: 11 abr. 2019. (Grifo do autor.)

<sup>104</sup> O *Magnificat* é o texto atribuído a Maria (Lc 1,39-45), o qual centraliza tudo em Deus, pelas suas maravilhas no mundo e na história do seu povo, principalmente na vida dos mais pobres. Trata-se de um cântico com citações

ao longo de sua vida.<sup>105</sup> O evangelista João diz que no “princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. (...) E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; (...) cheio de graça e de verdade”.<sup>106</sup> Como Serva e Mãe do Senhor, “Maria faz parte do mundo íntimo de Jesus. O pecado, o mal, não tem nenhum domínio sobre ela”.<sup>107</sup> Portanto, Maria é a mulher privilegiada por Deus, por ser Mãe do Salvador e estar em íntima relação com o Senhor. Nada disso impede de Maria ser modelo de vida do cristão, mas o provoca a ser cada vez mais santo como foi a Santíssima Virgem Maria.

As duas antífonas dessa solenidade são inspiradas na Sagrada Escritura. Quanto a Antífona de Entrada, está em Isaías 61,10: “Com alegria rejubilo-me no Senhor, e minha alma exultará no meu Deus, pois me revestiu de justiça e salvação, como a noiva ornada de suas jóias”.<sup>108</sup> Trata-se de uma profecia que se realiza em Maria, chamada de esposa de Deus, sendo que a justiça é o seu manto e as suas virtudes são as jóias. A antífona também lembra o mistério da Igreja como esposa de Cristo.<sup>109</sup> Por sua vez, a Antífona de Comunhão reporta-se ao evangelho dessa solenidade: “Todas as nações cantam as vossas glórias, ó Maria; por vós nos veio o sol da justiça, o Cristo, nosso Deus”.<sup>110</sup> A antífona apresenta Maria como humilde serva do Senhor, que a engrandeceu.<sup>111</sup> Por Maria veio o sol da justiça, significando que Cristo é aquele que vem “para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte”.<sup>112</sup>

---

do Antigo Testamento, em relação muito estreita com o Cântico de Ana quando nasceu seu filho Samuel (1Sm 2,1-10). Resumidamente, o texto fala da ação de Deus em Maria, da ação de Deus na humanidade e da ação de Deus no seu povo de Israel. (BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 57-58.)

<sup>105</sup> BIGOTTO, 2013, p. 455.

<sup>106</sup> Jo 1,1.14.

<sup>107</sup> BIGOTTO, 2013, p. 453.

<sup>108</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 715.

<sup>109</sup> LIRA, 2018, p. 28.

<sup>110</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 715.

<sup>111</sup> BERGAMINI, 1994, p. 460.

<sup>112</sup> Lc 1,79.

## 2.2 SOLENIDADE DA SANTA MÃE DE DEUS

A solenidade da Santa Mãe de Deus é celebrada dentro do Tempo do Natal, mais especificamente na coroação da Oitava de Natal, sendo a liturgia mariana mais antiga em Roma. Nada mais singular que celebrar a maternidade divina de Maria no Tempo Litúrgico do Nascimento de Cristo, que se trata do mesmo evento da encarnação do Verbo, mas com perspectivas peculiares.<sup>113</sup> Na *Marialis Cultus*, o papa Paulo VI diz que “o tempo do Natal constitui uma memória continuada da Maternidade Divina, virginal e *salvífica*, daquela cuja *intemerata virgindade deu a este mundo o Salvador*”.<sup>114</sup> A Igreja quis trazer essa solenidade para o primeiro dia do ano civil, suplicando a proteção da Virgem Maria com a celebração do dogma mariano mais antigo,<sup>115</sup> reafirmando sempre aquilo que a Virgem disse em seu cântico: “Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada”.<sup>116</sup>

Na *Lumen Gentium* se apresenta o grande valor que tem este culto à Virgem Maria por parte da Igreja:

Exaltada por graça do Senhor e colocada, logo a seguir a seu Filho, acima de todos os anjos e homens, Maria que, como mãe santíssima de Deus, tomou parte nos mistérios de Cristo, é com razão venerada pela Igreja com culto especial. E, na verdade, a Santíssima Virgem é, desde os tempos mais antigos, honrada com o título de *Mãe de Deus*, e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, em todos os perigos e necessidades.<sup>117</sup>

O dogma de Maria Mãe de Deus, a *Theotókos*,<sup>118</sup> foi proclamado no Concílio de Éfeso, em 431, sob a responsabilidade de São Cirilo de Alexandria.<sup>119</sup> O objetivo maior era cristológico, pois se queria defender

<sup>113</sup> BERGAMINI, 1994, p. 454.

<sup>114</sup> PAULO VI, 2016, p. 15; MC 5. (Grifo do autor.)

<sup>115</sup> LIRA, 2018, p. 41.

<sup>116</sup> Lc 1,48.

<sup>117</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 66. (Grifo de autor.)

<sup>118</sup> *Theotókos*, do grego, significa parturiente de Deus. É o dogma mariano mais ecumênico de todos, porque esse título de Maria defende e realça a encarnação do Verbo como verdadeiro homem. (MURAD, 2012, p. 144)

<sup>119</sup> O Bispo Nestório de Antioquia defendia a distinção e separação das naturezas de Cristo, chamando assim a Virgem Maria de *Cristotókos*, ou seja,

que Cristo assumiu a carne e o sangue, teve um corpo e nasceu como homem de uma mulher, consubstancial ao homem segundo a humanidade, porém sem perder a consubstancialidade ao Pai segundo a divindade. Desse modo, confessa-se um só Cristo e Filho e Senhor que se encarnou no seio da Virgem Maria.<sup>120</sup>

No entanto, deve-se ressaltar que Maria é Mãe de Deus segundo a humanidade, como explicitou o Concílio de Calcedônia em 451, entendendo claramente que ela é a Mãe do Filho de Deus encarnado, ou seja, da Pessoa completa de Cristo. Para que não haja equívoco da compreensão da maternidade divina de Maria, explana-se que, em relação com a Trindade, Maria é filha predileta de Deus Pai, agraciada pelo Criador quando torna concreta nela, humanamente falando, a geração do Filho que o Pai realiza eternamente na Trindade. Maria é Mãe de Deus Filho, sua educadora e sua discípula, ultrapassando assim os laços sanguíneos.<sup>121</sup> Maria é templo e, por isso, acolhedora do Espírito,<sup>122</sup> a cheia de graça, aquela a quem o anjo disse: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra”.<sup>123</sup>

Enfatizando a maternidade, Maria é chamada no evangelho com as palavras de Isabel: “Mãe do meu Senhor”.<sup>124</sup> Senhor é o título divino que o evangelista dá a Cristo já no ventre de Maria.<sup>125</sup> Nas Escrituras, Maria é, na maioria das vezes, chamada de Mãe de Jesus. Os evangelhos ressaltam mais a maternidade de Maria do que a sua virgindade<sup>126</sup> e o texto de Gálatas, escrito por Paulo, fala de Cristo da seguinte forma:

parturiente do Filho de Deus, sendo mãe de Cristo apenas na dimensão humana; Cirilo de Alexandria defende a unidade da Pessoa de Cristo, que assume a natureza humana, afirmando a Virgem Maria como *Theotókos*, pois em Cristo há a comunicação entre o humano e divino, de modo que aquilo que ele viveu como homem, tocou a sua divindade. Cirilo vence em sua visão teológica, e Maria é declarada *Theotókos* (Mãe de Deus) no Concílio de Éfeso. (MURAD, 2012, p. 137-138.).

<sup>120</sup> DENZINGER, 2007, p. 103.

<sup>121</sup> MURAD, 1012, p. 138-140.

<sup>122</sup> MURAD, 1012, p. 140.

<sup>123</sup> Lc 1,35.

<sup>124</sup> Lc 1,43.

<sup>125</sup> BÍBLIA, 2010, p. 1788. (Nota de rodapé)

<sup>126</sup> Os evangelhos destacam apenas duas vezes a virgindade de Maria: Lc 1,27; Mt 1,23.

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei”.<sup>127</sup>

Percebe-se que o Filho é preexistente a Maria, pois é o Filho do Pai. Jesus não é somente um homem querido por Deus e nem passa a existir em absoluto da encarnação em diante, mas ele é Deus mesmo, aquele que participa da divindade do Pai desde toda a eternidade. Ele é o Filho do Pai, mas também é o Filho de Maria, por ser nascido dela, e ela, por sua vez, pode ser chamada assim de Mãe de Deus.<sup>128</sup> Em Lucas isso também fica claro quando o anjo diz a Maria: “(...) por isso, o Santo que nascer será chamado Filho de Deus”.<sup>129</sup>

Diante disso, nota-se o grande privilégio de Maria em ser a Mãe de Deus:

*Nascido de Maria virgem é uma confissão de fé que proclama que um indivíduo humano, Maria, por meio de sua fé, gerou o Messias e, através dela, o próprio Deus se comunica plenamente ao gênero humano. Trata-se de uma maternidade totalmente especial na história da humanidade; uma maternidade que transcende qualquer outro tipo de maternidade.*<sup>130</sup>

Nesse aspecto da participação de Maria na comunicação de Deus com a humanidade, o papa João Paulo II realça a importância da mediação de Maria, que está intimamente ligada a sua maternidade, sendo dessa forma, uma mediação de caráter maternal, sem deixar de estar subordinada à única mediação de Cristo.<sup>131</sup> Maria ocupa um lugar especial como cooperadora generosa na obra redentora de Cristo e, assim se torna Mãe na ordem da graça, como diz a *Lumen Gentium*:

Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua

---

<sup>127</sup> Gl 4,4.

<sup>128</sup> GEBARA, Ivone.; BINGEMER, Maria C. L. **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. 2. ed. v. 13. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 110-111.

<sup>129</sup> Lc 1,35.

<sup>130</sup> PAREDES, 2011, p. 320. (Grifo do autor.)

<sup>131</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**. v. 3. Brasília: CNBB, 2016. p. 66; RM 38.

eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece.<sup>132</sup>

A mediação materna de Maria é vista pela Igreja como um serviço para com a comunidade cristã, como a Mãe que tem a missão de sempre apontar e levar seus filhos para o caminho que é Jesus,<sup>133</sup> num verdadeiro acompanhamento materno.<sup>134</sup> Em relação a isso, Maria é proclamada Mãe da Igreja por Paulo VI no encerramento do Concílio.<sup>135</sup> Posteriormente, o papa continuou a insistir no culto à Virgem Maria Mãe da Igreja, lembrando a entrega que Jesus fez da sua Mãe a João na cruz,<sup>136</sup> que representava a entrega da Mãe a todo o gênero humano.

Maria, que cooperou singularmente na fé, na esperança e na caridade, para a obra de salvação realizada por Cristo,<sup>137</sup> mantém no céu “a missão que teve na terra de cooperadora no nascimento e desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos”.<sup>138</sup> Desse modo, Maria é também a Mãe da Igreja na ordem da graça.

### 2.2.1 Os textos eucológicos da Santa Mãe de Deus

Partindo da compreensão histórica e teológica do dogma da maternidade divina de Maria, é possível reconhecer o vínculo do conteúdo teológico com a liturgia.

Na oração *coleta*, o destaque está na relação da *Theotókos* com o dogma da virgindade fecunda de Maria: “Ó Deus, que pela virgindade

---

<sup>132</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 60.

<sup>133</sup> Jo 14,6.

<sup>134</sup> MURAD, 2012, p. 146.

<sup>135</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 672.

<sup>136</sup> Jo 19,26-27.

<sup>137</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 61.

<sup>138</sup> PAULO VI. *Exortação Apostólica Signum Magnum*: consagrada ao culto da Virgem Maria Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. v. 5. Brasília: CNBB, 2016. p. 12; SM 1.

fecunda de Maria destes à humanidade a salvação eterna, dai-nos contar sempre com a sua intercessão, pois ela nos trouxe o autor da vida”.<sup>139</sup>

A oração sobre as oferendas recorda a perfeição dos dons divinos e a alegria da solenidade celebrada:

Ó Deus, que levais à perfeição os vossos dons, concedei aos vossos filhos, na festa da Mãe de Deus, que, alegrando-se com as primícias da vossa graça, possam alcançar a sua plenitude.<sup>140</sup>

No prefácio, intitulado *A maternidade da Virgem Maria*, se salvaguarda a ação do Espírito Santo em Maria:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai Santo, Deus eterno e todopoderoso, e, na festa (...) de Maria, sempre Virgem, celebrar os vossos louvores. À sombra do Espírito Santo, ela concebeu o vosso Filho único e, permanecendo virgem, deu ao mundo a luz eterna, Jesus Cristo, Senhor nosso. Por ele, os anjos cantam vossa grandeza, os santos proclamam vossa glória. Concedei-nos também a nós associar-nos a seus louvores, cantando (dizendo) a uma só voz.<sup>141</sup>

Na oração pós-comunhão se fala de júbilo, relacionado aos Sacramentos, porque eles conduzem os cristãos ao céu:

Ó Deus de bondade, cheios de júbilo, recebemos os sacramentos celestes; concedei que eles nos conduzam à vida eterna, a nós que proclamamos a Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 159.

<sup>140</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 159.

<sup>141</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 445.

<sup>142</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 160.

Na solenidade da Santa Mãe de Deus, a oração *coleta* cita a virgindade fecunda de Maria, que fortalece a verdade de que Jesus é Deus, pois nenhum outro ser humano nasceu de uma Virgem a não ser o Filho de Deus. Ressalta-se que Maria concebeu por obra do Espírito Santo, e por isso, se pode falar de uma virgindade fecunda e espiritual.<sup>143</sup> Dessa forma, a Igreja sempre defendeu a virgindade de Maria como permanência da sua integridade e da sua consagração total ao Senhor.<sup>144</sup>

O dogma da virgindade perpétua<sup>145</sup> de Maria não encontra uma solenidade ou festa particular a ser celebrada, mas não é por isso que é de menor importância. Nos textos eucológicos, o título de *Virgem Maria* está presente em todas as solenidades, bem como em todas as anáforas<sup>146</sup> das Celebrações Eucarísticas. Consta-se então que a virgindade de Maria não é lembrada somente nos dias solenes e festivos marianos, mas em todas as celebrações ao longo do Ano Litúrgico, querendo enfatizar o dogma da virgindade perpétua de Maria.<sup>147</sup> A virgindade remete para a divindade de Cristo, por ser concebido do Espírito Santo; e a maternidade comprova que Cristo é verdadeiramente homem, nascido no seio da Virgem Maria.<sup>148</sup>

A oração *coleta* ainda apresenta que, pela Virgem foi dada à humanidade a salvação eterna. Ela trouxe o autor da vida, obtendo com isso, uma dignidade singular.<sup>149</sup> Maria é chamada de intercessora, por

---

<sup>143</sup> JOÃO PAULO II, 2016, p. 75; RM 43.

<sup>144</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 57.

<sup>145</sup> O dogma da virgindade perpétua de Maria foi formulado no II Concílio de Constantinopla de 553, que diz que o Filho de Deus se encarnou de Maria, a *Theotókos* e sempre Virgem Maria. O Concílio Lateranense de 649, define este dogma e o promulga. No entanto, o título de Virgem sempre esteve presente na história da Igreja, em diversas orações, muito antes de ser oficializado pela Igreja. (FIORES, Stefano de. Virgem. In: FIORES, Stefano de.; MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1334.)

<sup>146</sup> Anáfora é a oração eucarística, que une em si a ação de graças e a súplica. Contém nove elementos que se unem, desde o diálogo invitatório até o Amém final na doxologia. Na ordem são estes: “prefácio, Santo (pós-santo), epiclese sobre os dons, relato institucional, anamnese, epiclese sobre os comungantes, intercessões, doxologia”. (TABORDA, 2009, p. 95-98.)

<sup>147</sup> BECKHÄUSER, 2017, p. 74.

<sup>148</sup> BOFF, 2004, p. 14.

<sup>149</sup> PAULO VI, 2016, p. 15; MC 5.

ser aquela Mãe que cuida dos irmãos de Cristo que seguem a peregrinação do mundo e, por isso, é invocada como intercessora e auxiliadora dos cristãos.<sup>150</sup> Compreende-se essa intercessão de Maria no episódio das Bodas em Caná, quando ela assume o problema do casal das bodas e apresenta a necessidade a Jesus, trazendo certa solicitação subentendida ao dizer:<sup>151</sup> “Eles não têm mais vinho”.<sup>152</sup>

Na oração sobre as oferendas se fala da alegria das primícias das graças de Deus. Maria, como nova Eva, recapitula<sup>153</sup> e restaura em Cristo a primeira Eva, sendo obediente, recuperando a beleza e a bondade primeira, ou seja, a graça original.<sup>154</sup> No prefácio se enfatiza que Maria concebeu à sombra do Espírito Santo, que é a saudação do anjo no evangelho de Lucas. Esta sombra recorda a nuvem misteriosa que cobriu a Tenda da Reunião, fazendo dela a Morada de Deus, no livro do Êxodo.<sup>155</sup> Lucas parece refletir que, “cobrindo a Virgem com sua sombra e tornando-a fecunda do Filho de Deus, o Espírito Santo transforma Maria na nova *Shekinah*,<sup>156</sup> ou seja, na nova Casa de Deus”.<sup>157</sup> O prefácio afirma que Maria deu ao mundo a luz eterna, no sentido de que ela não deu apenas à luz a Jesus, mas também deu a luz eterna ao mundo, o próprio Cristo, como disse Simeão ao ver o Menino: “(...) luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel”.<sup>158</sup> Tudo isso deve ser visto como iniciativa de Deus para a salvação de todos.<sup>159</sup>

Na oração pós-comunhão Maria é chamada Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, destaque muito claro de Paulo VI, que ao comemorar a

<sup>150</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 62.

<sup>151</sup> BOFF, 2004, p. 73.

<sup>152</sup> Jo 2,3.

<sup>153</sup> Recapitulação é aqui entendido no sentido de reconduzir toda a criação corrompida para Deus, conforme a carta aos Efésios. (Ef 1,9-10.)

<sup>154</sup> PAREDES, 2011, p. 201.

<sup>155</sup> Ex 40,34.

<sup>156</sup> *Shekinah* é a sombra de Deus que atinge a Tenda da Reunião (Ex 40,34), o Templo ou ainda na Transfiguração de Jesus, o monte Tabor. O evangelho de Lucas apresenta Maria como o Templo novo de Deus, não mais feito de pedra, mas é uma pessoa, a Virgem Maria, que passa a ser o Templo definitivo, pois acolhe o próprio Cristo, Filho de Deus. (BIGOTTO, 2013, p. 206.)

<sup>157</sup> BOFF, 2004, p. 51.

<sup>158</sup> Lc 2,32.

<sup>159</sup> BERGAMINI, 1994, p. 455.

maternidade divina de Maria, quis ampliar o seu significado como Mãe da Igreja e também de toda a humanidade.<sup>160</sup>

São duas opções de Antífona de Entrada para essa solenidade, a saber: “Salve, ó Santa Mãe de Deus, vós destes à luz o Rei que governa o céu e a terra pelos séculos eternos”,<sup>161</sup> “Hoje surgiu a luz para o mundo: O Senhor nasceu para nós. Ele será chamado Admirável, Deus, Príncipe da paz, Pai do mundo novo, e o seu reino não terá fim”.<sup>162</sup> A Antífona de Comunhão reflete, em poucas palavras, a temporalidade de Cristo no mundo, mas também a sua eternidade: “Jesus Cristo ontem e hoje, e por toda a eternidade”.<sup>163</sup> Em relação à segunda opção da Antífona de Entrada, que é tirada do livro de Isaías<sup>164</sup> e do evangelho de Lucas,<sup>165</sup> contém atributos a Cristo, destacando a grande novidade de um mundo novo, de um reino eterno. Há o sentido de recapitulação aqui também, em vista de retomar as origens, ou seja, a graça original. A Antífona de Comunhão vem fortalecer essa ideia, e se une à primeira opção da Antífona de Entrada ao dar a entender que Cristo é o Senhor da história e do tempo.

### 2.3 SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

O dogma da Assunção de Nossa Senhora foi promulgado pelo papa Pio XII, no ano de 1950 através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, onde declara que “a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”.<sup>166</sup> Mesmo sendo o último dogma promulgado, trata-se da mais antiga festa mariana,<sup>167</sup> pois, da mesma

---

<sup>160</sup> MORA, 2007, p. 67.

<sup>161</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 159.

<sup>162</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 159.

<sup>163</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 160.

<sup>164</sup> Is 9,2.6.

<sup>165</sup> Lc 1,33.

<sup>166</sup> PIO XII. **Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus***: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. v. 8. Brasília: CNBB, 2016. p. 39; MD 44.

<sup>167</sup> BENTO XVI. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora**. Castel Gandolfo, 15 ago. 2008. Não paginado. Disponível em:

forma que os santos mártires eram lembrados no dia de sua morte, Maria também começou a ser celebrada no dia de sua passagem, quando saiu deste mundo. Refere-se à Páscoa plena realizada em Maria, aquela que foi redimida já na sua Imaculada Conceição.<sup>168</sup> Tanto no Oriente quanto no Ocidente, esta festa remonta ao século IV, com o nome de memória de Maria, e após dois séculos, passou a se chamar de Dormição de Maria.<sup>169</sup>

Ao se promulgar o dogma da Imaculada Conceição em 1854, a Igreja já pensava no dogma da Assunção corpórea da Mãe de Deus e, por isso, são dogmas muito unidos entre si. A lei geral é a corrupção dos corpos após a morte, na espera de novamente haver a junção do corpo com a alma gloriosa dos justos no último dia. Porém, há em Maria uma exceção:

Deus quis excetuar dessa lei geral a bem-aventurada virgem Maria. Por um privilégio inteiramente singular ela venceu o pecado com a sua concepção imaculada; e por esse motivo não foi sujeita à lei de permanecer na corrupção do sepulcro, nem teve de esperar a redenção do corpo até ao fim dos tempos.<sup>170</sup>

O dogma foi proclamado em honra a Jesus Cristo que, como Rei, alcança todos os séculos e triunfa sobre o pecado e a morte, e para a glorificação da sua Mãe e para o júbilo de toda Igreja.<sup>171</sup> O papa Bento XVI diz que “esta solenidade é um convite a louvar a Deus e a contemplar a grandeza de Nossa Senhora, porque é no rosto dos seus que nós conhecemos quem é Deus”.<sup>172</sup> O evangelho da solenidade apresenta as palavras de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre! Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi

---

<[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080815_assunzione.html)>. Acesso em: 13 maio 2019.

<sup>168</sup> BERGAMINI, 1994, p. 461.

<sup>169</sup> BIGOTTO, 2013, p. 462.

<sup>170</sup> PIO XII, 2016, p. 8; MD 5.

<sup>171</sup> PIO XII, 2016, p. 39; MD 44.

<sup>172</sup> BENTO XVI. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora**. Castel Gandolfo, 15 ago. 2012. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20120815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120815_assunzione.html)>. Acesso em: 09 maio 2019.

dito da parte do Senhor será cumprido!”<sup>173</sup> São palavras que iluminam a grande profundidade da Assunção, ao apresentar Maria como peregrina da fé, até a consumação dos tempos.

A *Marialis Cultus* explicita essa solenidade:

A solenidade de 15 de agosto celebra a gloriosa Assunção de Maria ao céu; festa do seu destino de plenitude e de bem-aventurança, da glorificação da sua alma imaculada e do seu corpo virginal, da sua perfeita configuração com Cristo Ressuscitado. É uma festa, pois, que propõe à Igreja e à humanidade a imagem e o consolante penhor do realizar-se da sua esperança final.<sup>174</sup>

A celebração dessa solenidade no dia 15 de agosto, no Tempo Comum, provavelmente se reporta para a data da dedicação de alguma igreja com o título da Virgem Maria, nos primórdios do cristianismo. No Brasil, decidiu-se celebrá-la no domingo mais próximo, por não ser mais feriado nacional e para uma maior participação do povo de Deus.<sup>175</sup>

Essa solenidade afirma que Maria sofreu a morte no tempo, porém não ficou presa a esta morte por causa da sua dignidade de Mãe do Filho de Deus e por outros privilégios que recebera de Deus, como a virgindade perpétua.<sup>176</sup> Trata-se ainda de uma particularidade dada a Maria, como que “o complemento daquela plenitude de graça, concedida à santíssima Virgem, e uma singular bênção contraposta à maldição de Eva”.<sup>177</sup>

Assunção quer significar que se é assumido por alguém, ou seja, de forma passiva, Maria é assumida na glória por Deus, num ato salvífico que é do próprio Deus.<sup>178</sup> Entende-se a Assunção como um movimento de salvação de Deus, de modo que o céu desce até a terra, até a vida do ser humano, para assim fazer o movimento de subida, de retorno à casa do Pai aberto a toda a humanidade. Na Virgem Maria

<sup>173</sup> Lc 1,42.45.

<sup>174</sup> PAULO VI, 2016, p. 16; MC 6.

<sup>175</sup> LIRA, 2018, p. 85.

<sup>176</sup> PIO XII, 2016, p. 19-20; MD 17-18.

<sup>177</sup> PIO XII, 2016, p. 26; MD 27.

<sup>178</sup> MURAD, 2012, p. 184.

acontece a primeira vitória de Cristo Ressuscitado, isto é, a sua ressurreição a reveste no corpo e na alma.<sup>179</sup>

### 2.3.1 Os textos eucológicos da Assunção de Nossa Senhora

A partir dessa explanação, parte-se para os textos eucológicos da solenidade da Assunção.<sup>180</sup> A oração *coleta* apresenta a verdade dogmática de Maria assunta ao céu em corpo e alma e a atenção que os cristãos devem ter às coisas do alto:

Deus eterno e todo-poderoso, que elevastes à glória do céu em corpo e alma a imaculada Virgem Maria, Mãe do vosso Filho, dai-nos viver atentos às coisas do alto, a fim de participarmos da sua glória.<sup>181</sup>

A oração sobre as oferendas recorda a intercessão de Maria, para que os cristãos não percam o desejo do céu: “Suba até vós, ó Deus, o nosso sacrifício, e, pela intercessão da Virgem Maria, elevada ao céu, acendei em nossos corações o desejo de chegar até vós”.<sup>182</sup>

O prefácio, intitulado *A glória de Maria*, enaltece a Igreja triunfante na figura de Maria, como um consolo e esperança ao povo ainda a caminho:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso. Hoje, a Virgem Maria, Mãe de Deus, foi elevada à glória do céu. Aurora e esplendor da Igreja triunfante, ela é consolo e esperança para o vosso povo ainda em caminho, pois preservastes da corrupção da

---

<sup>179</sup> BIGOTTO, 2013, p. 464-465.

<sup>180</sup> Tal solenidade possui uma vigília, que se utiliza do mesmo prefácio do dia, e que ressalta na eucologia menor a honra de Maria em ser Mãe do Filho Unigênito de Deus, e que, por isso, assunta e coroada de glória e esplendor. (BECKHÄUSER, 2017, p. 79.)

<sup>181</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 638.

<sup>182</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 639.

morte aquela que gerou, de modo inefável, vosso próprio Filho feito homem, autor de toda a vida. Enquanto esperamos a glória eterna, com os anjos e com os santos, vos aclamamos, jubilosos, cantando (dizendo) a uma só voz.<sup>183</sup>

A oração pós-comunhão acentua a intercessão e a glória da ressurreição: “Ó Deus, que nos alimentastes com o sacramento da salvação, concedei-nos, pela intercessão da Virgem Maria elevada ao céu, chegar à glória da ressurreição”.<sup>184</sup>

A oração *coleta* é um verdadeiro resumo do significado desta solenidade e que se refere aos quatro dogmas marianos: Imaculada Conceição, Virgindade perpétua, Mãe de Deus e Assunção. A oração ainda suplica a intercessão de Maria para que os fiéis possam participar da sua glória. A expressão de desejo em alcançar a glória está presente também na oração sobre as oferendas e pós-comunhão.<sup>185</sup>

O prefácio é a oração central e traz presente a palavra *hoje*, como expressão muito cara para a doutrina eclesial, desde as Escrituras. O *hoje* expressa a importância de ouvir a voz de Deus o quanto antes, sem endurecer o coração,<sup>186</sup> a exemplo de Maria, a fim de ter o mesmo fim que ela teve, a glória de Deus. O prefácio ainda apresenta a doutrina do Concílio Vaticano II sobre Maria, como aquela que “brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor”.<sup>187</sup> Os dogmas marianos também estão citados, dando a devida razão pela qual Maria foi privilegiada com a elevação de corpo e alma aos céus.<sup>188</sup>

Maria foi assunta ao céu porque teve a alma imaculada e corpo virgem, triunfando sobre a morte à semelhança de seu Filho Jesus Cristo Ressuscitado, configurando-se tanto a ele, que alcançou a glória celeste.<sup>189</sup> Destarte, Maria participa da ressurreição de seu Filho e contribui para que a centralidade da fé cristã seja o Mistério Pascal de

---

<sup>183</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 639.

<sup>184</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 640.

<sup>185</sup> BECKHÄUSER, 2017, p. 79.

<sup>186</sup> Hb 3,12-15.

<sup>187</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 68.

<sup>188</sup> BECKHÄUSER, 2017, p. 79.

<sup>189</sup> PIO XII, 2016, p. 22; MD 20.

Cristo, na sua Paixão, Morte e Ressurreição. A Ressurreição de Cristo atinge toda a humanidade já em Maria.

Em âmbito universal, esta é a última solenidade mariana do Ano Litúrgico,<sup>190</sup> e tem um significado especial no sentido de que o povo de Deus é peregrino no caminho e tem seu consolo na intercessão de Maria, tida como aurora e esplendor da Igreja celeste. Todo o povo, ao contemplar Maria já na glória e com sua intercessão, é chamado à perseverança até chegar à participação na glória eterna com Deus.<sup>191</sup>

Existem duas opções de Antífona de Entrada, a saber: “Grande sinal apareceu no céu: uma mulher que tem o sol por manto, a lua sob os pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça”.<sup>192</sup> A outra opção de antífona tem um tom de alegria: “Alegremo-nos todos no Senhor, celebrando este dia festivo em honra da Virgem Maria: os Anjos se alegram pela sua Assunção e dão glória ao Filho de Deus”.<sup>193</sup> A Antífona da Comunhão ressalta a ação de Deus em Maria: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Poderoso fez em mim grandes coisas”.<sup>194</sup>

A primeira antífona citada é tirada do Apocalipse, que cabe bem nessa solenidade, pois a Assunção remete a Maria enquanto a mulher vestida do sol,<sup>195</sup> com seu corpo e sua alma glorificados, sendo “sinal e instrumento da nova e definitiva aliança”.<sup>196</sup> A segunda antífona enfatiza a alegria, porque Maria já alcançou a verdadeira alegria, de estar na glória de Deus. Por fim, a Antífona da Comunhão, tirada do *Magnificat*, fala justamente que o Poderoso fez grandes coisas nela, cobrindo-a de privilégios, o que a levou a ser assumta ao céu de corpo e alma.

<sup>190</sup> A solenidade da Assunção se prolonga em oito dias, quando a Igreja celebra a Virgem Maria em sua realeza, contemplada como Rainha e que intercede pelos fiéis como Mãe, para que todos alcancem o Reino do Céu. (PAULO VI, 2016, p. 17; MC 6.)

<sup>191</sup> BECKHÄUSER, 2017, p. 80.

<sup>192</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 638.

<sup>193</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 638.

<sup>194</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 639.

<sup>195</sup> Ap 12,1.

<sup>196</sup> LIRA, 2018, p. 88.

Portanto, entende-se o axioma *lex orandi lex credendi* no contexto dogmático e litúrgico das solenidades marianas. Ao longo da história, o povo de Deus sempre professou sua fé em Maria com piedade e devoção. Essa piedade da Igreja para com a Virgem Maria “constitui um excelente testemunho da sua *norma de oração* e um convite a reavivar nas consciências a sua *norma de fé*”.<sup>197</sup> Além disso, “a *norma de fé* da Igreja exige que, por toda a parte, floresça com pujança a sua *norma de oração* pelo que se refere à Mãe de Cristo”.<sup>198</sup> Consta-se disso a partir das verdades dogmáticas referentes a Virgem Maria, por elas procederem do *Sensus Fidei*<sup>199</sup> da Igreja. De fato, ao se deparar com tão grande veneração e honra à Maria, o Magistério da Igreja buscou fundamentos bíblicos e testemunhos seguros da Tradição para a definição dos respectivos dogmas.<sup>200</sup> Nessa perspectiva, os dogmas marianos, com seu culto e ritos litúrgicos oficializados, vieram para proteger a fé do povo católico em relação a Virgem Maria, a fim de que a norma da oração fosse digna de norma da fé.<sup>201</sup>

---

<sup>197</sup> PAULO VI, 2016, p. 59; MC 56. (Grifo do autor.)

<sup>198</sup> PAULO VI, 2016, p. 59; MC 56. (Grifo do autor.)

<sup>199</sup> *Sensus Fidei* significa que “todos os fiéis participam da compreensão e da transmissão da verdade revelada. Receberam a unção do Espírito Santo, que os instrui e os conduz à verdade em sua totalidade”. (CATECISMO..., 2000, p. 37; CIC 91.) Existe entre os fiéis, enquanto conjunto, o senso sobrenatural da fé, que faz com que, unidos em consenso universal, não se enganem em relação ao ato de fé e também de costumes. No entanto, o Sagrado Magistério é quem toma a direção do *Sensus Fidei*, para que se tenha uma reta compreensão de fé. (CATECISMO..., 2000, p. 37; CIC 92-93.)

<sup>200</sup> PIO IX, 2016, p. 24; ID 32.

<sup>201</sup> PIO XII, 2016, p. 22; MD 20.

### 3 A VIRGEM MARIA, MODELO DA IGREJA NO EXERCÍCIO DO CULTO

Fundamentando-se na *lex orandi lex credendi* e nos textos eucológicos das solenidades marianas, se quer chegar à dimensão da *lex agendi* ou *lex vivendi*. A *lex agendi* significa a prática cristã exercida no cotidiano da vida, isto é, no agir cristão. Expressa que a norma da oração e da fé direcionam à norma do agir, enquanto efeito da liturgia e da fé.<sup>202</sup> Trata-se de encontrar na pessoa da Virgem Maria um modelo de vida para a comunidade eclesial. O culto prestado de forma singular a Maria por parte da Igreja, não pode ser infrutífero, mas deve impulsionar cada cristão na imitação de seu exemplo de santidade. Os textos eucológicos das solenidades marianas destacam algumas características de Maria, as quais fomentam uma autêntica prática cristã. Desse modo, a liturgia é também um convite à conversão, que incita os cristãos para que “sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé”.<sup>203</sup>

De acordo com o prefácio *A glória dos Santos*, o Senhor oferece nos santos e santas “um exemplo para a nossa vida, a comunhão que nos une, a intercessão que nos ajuda”,<sup>204</sup> enfatizando os seus méritos que exaltam o próprio Deus que deu a eles os dons. O exemplo ou modelo, que se destaca neste capítulo, é pressuposto de uma contínua busca de imitação da vida do santo. Trata-se de uma parte essencial no culto cristão, desde que seja algo acessível ao ser humano, de modo que se possa seguir o exemplo.<sup>205</sup> Na *Sacrosanctum Concilium*, os Padres conciliares destacam que “as festas dos santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a serem imitados”.<sup>206</sup>

Na liturgia se tem a oração legítima da Igreja, de modo que “as ações sacramentais são necessárias para se viver em Cristo”.<sup>207</sup> Já as

---

<sup>202</sup> TABORDA, 2009, p. 36-37.

<sup>203</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 39; SC 10.

<sup>204</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 451.

<sup>205</sup> JOUNEL, Pierre. Culto dos Santos. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 1122.

<sup>206</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 69; SC 111.

<sup>207</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DA DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 1810; n. 11.

várias formas de piedade popular estão na esfera do facultativo, mas não no sentido de exclusão ou de contraposição com a liturgia, pois a piedade popular é sempre vivamente recomendada e difundida pela Igreja. O que se deve fazer é dar o devido valor a todas as riquezas dos exercícios de piedade popular, de modo especial a sua forma de gerar o compromisso dos cristãos.<sup>208</sup> Os atos de piedade devem ser articulados de tal modo que estejam em harmonia com o Tempo Litúrgico, se inspirem na liturgia “e a ela, por sua natureza muito superior, conduzam o povo cristão”.<sup>209</sup>

### 3.1 O CULTO A VIRGEM MARIA

A Igreja venera a Virgem Maria com um culto especial,<sup>210</sup> por ser “exaltada por graça do Senhor e colocada, logo a seguir a seu Filho, acima de todos os anjos e homens”,<sup>211</sup> e por estar em estreita unidade com os mistérios de Cristo. Ao longo da história, o culto a Virgem Maria “cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação”,<sup>212</sup> cumprindo aquilo que ela disse no evangelho: “Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada”.<sup>213</sup> O objetivo da honra para com a Mãe de Deus, é que “se conheça, ame e glorifique o Filho, por quem tudo existe”.<sup>214</sup>

Assim como a Igreja enaltece o culto litúrgico da Virgem Maria, também recomenda vivamente as práticas de piedade popular para com ela, desde que haja o constante cuidado para se evitar “um falso exagero como uma demasiada estreiteza na consideração da dignidade singular da Mãe de Deus”.<sup>215</sup> Clodovis Boff explicita apresentando os extremos de maximalismo, em um sentimentalismo exacerbado, e de

---

<sup>208</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DA DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2003, p. 1810-1811; n. 11-12.

<sup>209</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 41; SC 13.

<sup>210</sup> Esse culto especial a Maria, chamado de culto inteiramente singular, a Igreja chama em sua tradição de hiperdulia, que significa alta veneração que a Virgem Maria recebe, acima dos outros santos e santas da Igreja. (BOFF, 2004, p. 115.)

<sup>211</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 66.

<sup>212</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 66.

<sup>213</sup> Lc 1,48.

<sup>214</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 66.

<sup>215</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 67.

minimalismo, quando há um descrédito acerca da figura de Maria para a fé cristã.<sup>216</sup>

A *Lumen Gentium* apresenta claramente os cuidados acerca do adequado culto a Virgem Maria:

Evitem com cuidado, nas palavras e atitudes, tudo o que possa induzir em erro acerca da autêntica doutrina da Igreja os irmãos separados ou quaisquer outros. E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes.<sup>217</sup>

O papa Paulo VI, na *Marialis Cultus*, fala da necessária renovação da piedade popular ao longo do tempo, partindo de princípios imprescindíveis ao culto a Virgem Maria. O princípio trinitário é essencial, pois todo culto cristão é voltado a Trindade, como a liturgia expressa quando diz que a oração é ao Pai, por Cristo na unidade do Espírito Santo. O princípio cristológico enfatiza que tudo em Maria é relativo a Cristo e depende totalmente dele. A presença do Espírito Santo em Maria também é de suma importância, pois foi o momento da história da salvação em que culminou a sua ação e obra, ao animar e fortalecer a Virgem Maria na missão de Mãe do Filho de Deus. O princípio eclesial tonifica a missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, como Mãe e membro eminente, contribuindo na fraternidade dos fiéis e impulsionando a solicitude da Igreja, como a continuadora da disponibilidade de Maria.<sup>218</sup>

A *Marialis Cultus* acrescenta orientações para o culto mariano, que são de cunho bíblico, litúrgico, ecumênico e antropológico. O caráter bíblico para a piedade mariana reforça que a Bíblia é o principal livro de oração, na qual se encontra grandes inspirações e modelos para a vida cristã. Caso relevante é o da Virgem Maria, que é a mulher presente na Sagrada Escritura com referências do início ao fim, e que está impregnada da mensagem cristã. O caráter litúrgico lembra que os exercícios de piedade devem estar sempre em sintonia com os Tempos

---

<sup>216</sup> BOFF, 2004, p. 21.

<sup>217</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 67.

<sup>218</sup> PAULO VI, 2016, p. 32-37; MC 25-28.

Litúrgicos, derivando da liturgia e conduzindo à liturgia,<sup>219</sup> que por sua vez é de natureza superior comparada à piedade popular.<sup>220</sup> O caráter ecumênico aparece na esfera mariana, porque muitos ortodoxos também se alimentam da devoção à Virgem Maria, bem como os anglicanos e as Igrejas da reforma, que possuem apreço pelas Sagradas Escrituras, onde encontram Maria que glorifica a Deus. Existe ainda o caráter antropológico, que relaciona Maria com a sociedade, em especial com a dignidade da mulher, considerando que a Virgem Maria sempre buscou, nas suas condições de vida, acolher a Palavra de Deus e praticá-la como primeira discípula de Cristo e, por isso, como exemplo eficaz dos cristãos.<sup>221</sup>

### 3.2 O CULTO A VIRGEM MARIA E A PRÁXIS CRISTÃ

Diante da importância do culto a Virgem Maria, faz-se necessário dizer sobre as dimensões que possui todo culto. Existem três dimensões do culto: a ética, a mística e o ritual. O que se quer enfatizar aqui é justamente a dimensão ética a partir do modelo mariano para o cristão, no sentido de que “o culto verdadeiro consiste no serviço a Deus na vida, através do amor solidário, da prática do bem e da luta pela justiça”.<sup>222</sup> A dimensão ética do culto se compreende também como *lex agendi* ou *lex vivendi*, enquanto efeito ou consequência da liturgia. O culto autêntico nasce do coração que está em comunhão com Deus, em vista de uma vivência cristã no cotidiano da vida. Por isso que se aborda os textos eucológicos das solenidades marianas, buscando o modelo adequado para os membros da Igreja, que não está fora da realidade do ser humano, pois Maria foi totalmente humana. Contribui para a vida cristã, o modelo “daquela que na santa Igreja ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós”.<sup>223</sup>

Maria é aquela que influencia os fiéis com o seu exemplo, como diz Paulo VI:

---

<sup>219</sup> O papa Paulo VI defende que não se deve misturar os exercícios de piedade e práticas devocionais com a ação litúrgica, porque corre o perigo de o Memorial do Senhor ser algo secundário, sendo que se trata do momento mais alto do encontro comunitário celebrativo. (PAULO VI, 2016, p. 39; MC 31.)

<sup>220</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 69; SC 13.

<sup>221</sup> PAULO VI, 2016, p. 37-43; MC 29-35.

<sup>222</sup> MURAD, 2012, p. 202.

<sup>223</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 54.

Influência, na verdade, importantíssima, segundo a conhecida máxima: *As palavras movem, mas o exemplo arrasta*. Realmente, tal como os ensinamentos dos pais adquirem eficácia bem maior se são apoiados pelo exemplo de uma vida dentro das normas da prudência humana e cristã, assim também a suavidade e o encanto das excelsas virtudes da Imaculada Mãe de Deus atraem de maneira irresistível os ânimos para a imitação do divino modelo, Jesus Cristo, de que ela foi a mais fiel imagem.<sup>224</sup>

Nos textos eucológicos das solenidades marianas foram sublimadas algumas palavras que trazem características da Virgem Maria. O intuito é encontrar nessas características marianas um possível confronto com a vida do cristão, ou seja, com a práxis<sup>225</sup> cristã, sendo que todos os dogmas marianos são de conteúdo antropológico, tidos como verdadeiro itinerário existencial cristão, mesmo que alguns termos soem como privilégios particulares à Virgem Maria. Assim como o capítulo anterior, passar-se-á em cada solenidade, a fim de se ter um percurso lógico nas abordagens sobre a Virgem Maria e a sua exemplaridade.

### 3.2.1 A práxis cristã na solenidade da Imaculada Conceição

A primeira referência a Maria na eucologia diz que ela foi preparada<sup>226</sup> para ser digna habitação, o que também pode ser

---

<sup>224</sup> PAULO VI, 2016, p. 13; SM 3. (Grifo do autor.)

<sup>225</sup> O termo grego *práxis* quer expressar compromisso, atitude crítica e mudança radical. O termo *prática* traz um sentido mais reduzido, pois significa mais um conformismo ou aceitação imatura das coisas ou até mesmo alienada, do que um compromisso consciente e sério. Nesse trabalho se fala de uma *práxis simbólica*, que significa fazer com que os símbolos na liturgia sejam eficazes e as suas palavras sejam performativas, no sentido de que a vida concorde com a liturgia celebrada. Resumidamente, se entende por *práxis cristã* a união da celebração litúrgica com o compromisso, fazendo com que a liturgia não seja somente práticas rituais, mas também motivo de compromisso social, atualizando e tornando operativa a *práxis* Pascal de Cristo. (FLORISTAN, 2000, p. 427-428.)

<sup>226</sup> Relacionada ao Tempo do Advento em que essa solenidade se situa, a preparação também se reporta à espera confiante do Messias que virá, no

empregado aos cristãos que comungam da Eucaristia, pois sua finalidade é transformar aqueles que a recebem. O cristão que comunga é chamado “a se tornar a *cidade nova*, o novo paraíso, uma morada vivente de Deus”,<sup>227</sup> ou seja, uma digna habitação. A Eucaristia torna isso possível, quando há abertura do ser humano ao processo de transformação de si e, por ela, a transformação do mundo, tendo sempre em vista a Nova Jerusalém.<sup>228</sup> Nesse sentido, na Eucaristia acontece “uma compenetração entre pessoa e pessoa”,<sup>229</sup> ou seja, é Cristo que entra na pessoa doando-se a ela, e assim convida a pessoa a também se doar num abandono total a ele, de tal forma que Cristo viva nele.<sup>230</sup> No evangelho de João, Jesus diz em seu discurso de despedida: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada”.<sup>231</sup> Percebe-se a estreita relação que Maria tem com essas palavras, pois ela guardou a Palavra e amou a Deus acima de tudo. Eis o convite para todo cristão, de seguir o exemplo de digna habitação de Maria.

A eucologia assegura que Maria foi preparada por Deus para ser essa digna habitação, termo muito presente na Igreja quando se fala das catequese<sup>232</sup> de preparação para receber os Sacramentos, das diversas formações que a Igreja oferece e da devida preparação para bem celebrar a liturgia. No entanto, não se pode tirar o papel da família, chamada de Igreja doméstica, de verdadeiro patrimônio da humanidade e primeira escola para os bons costumes. A prática da oração familiar,

sentido de se estar disposto para acolher o Salvador da humanidade. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DA DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2003, p. 1848; n. 102.)

<sup>227</sup> RATZINGER, Joseph. **Teologia da Liturgia: O Fundamento Sacramental da Existência Cristã**. v. 11. Trad. Cornelius Pfeifer. Brasília: CNBB, 2019. p. 414. (Grifo do autor.)

<sup>228</sup> RATZINGER, 2019, p. 414.

<sup>229</sup> RATZINGER, 2019, p. 83.

<sup>230</sup> RATZINGER, 2019, p. 83. (Gl 2,20)

<sup>231</sup> Jo 14,23.

<sup>232</sup> Destaca-se a catequese permanente, que não se restringe apenas ao preparo dos Sacramentos, mas se estende para toda a vida cristã. O objetivo é fazer com que os fiéis conheçam profundamente a Cristo, para segui-lo com maior fidelidade. O encontro com a Palavra de Deus por meio da leitura orante (*Lectio Divina*), é o fundamento desse itinerário catequético. (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. CNBB: Brasília, 2011. p. 138; DAp. 298.)

da leitura orante da Sagrada Escritura e da vivência das virtudes cristãs, são fundamentais para preparar bem os novos cidadãos cristãos, porque os pais são os primeiros catequistas dos filhos.<sup>233</sup> A preparação expressa ainda a vigilância, no sentido de que se esteja sempre preparado para o encontro definitivo com Deus, ou seja, para a Páscoa eterna, como disse Jesus: “Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora”.<sup>234</sup>

O texto litúrgico enfatiza a preservação de Maria que, por mais que seja um privilégio e graça especial de Deus para ela, não deixa de ser um exemplo para o cristão. Paredes é bem claro ao dizer:

O dogma da Imaculada nos ensina também como nós somos salvos libertados do pecado, mas sobretudo, *preservados*. Experiências de preservação temos muitas, aquelas que procuramos viver em Cristo Jesus. A Igreja, com suas comunidades, pessoas e instituições, é o sacramento através do qual Jesus preserva e liberta os filhos que o Pai lhe deu, Maria não foi a única preservada, é apenas a primeira. Maria é a obra-mestra da redenção, mas não a única redimida.<sup>235</sup>

Maria foi preservada e consagrada desde o primeiro momento da sua concepção, para uma vocação especial, e por isso, foi envolvida no amor de Deus que a redimiu e fez com que se iniciasse nela a obra salvífica consumada em Jesus.<sup>236</sup> Ao longo de sua vida, Maria se deparou com o pecado e teve que o rejeitar para ser fiel ao projeto de Deus, primeiro como Mãe de Jesus, depois como sua discípula e depois como Mãe da comunidade.<sup>237</sup> Para o cristão, o Sacramento<sup>238</sup> do Batismo fundamenta a vida cristã e liberta o ser humano do pecado,

---

<sup>233</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2011, p. 139; DAp. 300.

<sup>234</sup> Mt 25,13.

<sup>235</sup> PAREDES, 2011, p. 357. (Grifo do autor.)

<sup>236</sup> PAREDES, 2011, p. 358.

<sup>237</sup> MURAD, 2012, p. 174.

<sup>238</sup> Todos os Sacramentos da Igreja são meios pelos quais o cristão toma consciência da sua pertença a Deus, e por isso, da sua preservação como tal. De fato, os Sacramentos “atingem todas as etapas da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão”. (CATECISMO..., 2000, p. 339; CIC 1210.)

tornando-o filho de Deus e membro de Cristo em sua Igreja.<sup>239</sup> O Batismo é “a entrada na vida da Santíssima Trindade por meio da configuração ao mistério pascal de Cristo”.<sup>240</sup> Por isso, todo batizado é consagrado<sup>241</sup> a Deus e preservado para a salvação, que dá a ele uma dignidade toda especial, e por isso, deve ter consciência dessa dignidade e viver de acordo com a vida cristã, preservando-a toda inteira a Deus.

Quando Jesus diz para arrancar algum membro do corpo,<sup>242</sup> não quer dizer outra coisa senão evitar o pecado e as suas ocasiões. Como diz o papa Francisco, “o progresso no bem, o amadurecimento espiritual e o crescimento do amor são o melhor contrapeso ao mal”.<sup>243</sup> Diante da realidade do mal, Boff fala sobre o ser humano em relação a Imaculada Conceição:

E assim como o Espírito plasmou e consagrou Maria desde a raiz, desde o primeiro instante de seu existir, conferindo-lhe uma *santidade fontal*, assim também, para sanar a fonte das injustiças sociais, não basta de modo algum mudar os mecanismos sociais. É preciso atingir a raiz, que é o homem. É necessário tocar/trocar o coração humano com um trabalho de educação nova, que possibilite uma nova cultura, a saber, novas convicções e novos hábitos.<sup>244</sup>

A eucologia faz a súplica pela purificação dos fiéis, pois o objetivo da vida cristã é a santidade, como disse Jesus: “Portanto, deveis

---

<sup>239</sup> CATECISMO..., 2000, p. 340; CIC 1213.

<sup>240</sup> CATECISMO..., 2000, p. 346; CIC 1239.

<sup>241</sup> Relacionando o Batismo com a consagração, lembra-se que as consagrações a Virgem Maria com seus métodos, especialmente o de São Luís Maria G. de Montfort, devem sempre se reportar para o Sacramento do Batismo, levando em conta as promessas realizadas no seu recebimento. As consagrações são de caráter devocional e privado do fiel, mas se for feito com maturidade, contribui para as boas ações, quando se consagra e se coloca nas mãos de Maria a sua vida, por ela ter sido aquela que mais se conformou a Cristo em sua vida. (LUÍS MARIA G. DE MONTFORT. **Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem**. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 121.126; n. 120.126.)

<sup>242</sup> Mt 5,29-30.

<sup>243</sup> FRANCISCO, 2018, p. p. 77; GEE 163.

<sup>244</sup> BOFF, 2006, p. 511. (Grifo do autor.)

ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”.<sup>245</sup> Jesus diz que a Palavra purifica,<sup>246</sup> na medida em que vai sendo acolhida e assimilada na vida. A purificação se atém ao coração pois, biblicamente, é o coração que expressa as intenções verdadeiras, aquilo que o ser humano busca e deseja, e desse modo “um coração que sabe amar não deixa entrar em sua vida algo que atente contra esse amor, algo que o enfraqueça ou coloque em risco”.<sup>247</sup> Aqui entra com propriedade o Sacramento da Penitência ou da Reconciliação, que reconstitui o penitente na graça e o une na amizade com Deus.<sup>248</sup> Deus dá a graça, mas o ser humano deve fazer a sua parte em se abrir a ela, pois “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia”.<sup>249</sup>

Maria é modelo excelentíssimo de santidade para a Igreja, pela sua fé, caridade e união perfeita a Cristo,<sup>250</sup> proclamada já como primícias da Igreja, seu tipo e figura mais sublime, e grande incentivadora para que cada membro da Igreja caminhe sempre mais na vida de santidade. Maria é discípula e missionária de Cristo, ou seja, aquilo que os cristãos são chamados a ser na sua vida. Para tanto, os membros da Igreja devem permanecer na escola de Maria que, como discípula meditava a Palavra e a guardava no coração. Como missionária, continuou a missão de seu Filho, vivendo o primado da escuta da Palavra e se orientando por ela.<sup>251</sup> De fato, Maria é exemplo para a Igreja de alguém que escuta, interioriza, assimila e transforma a Palavra em vida. Por Maria ser tão íntima da Palavra, ela se tornou a Mãe da Palavra que se fez carne; contemplando sua vida, o cristão se descobre também chamado a adentrar no mistério da Palavra pela fé, de tal modo que Cristo vem para habitar no seu interior.<sup>252</sup>

Maria, que intervém em favor da Igreja é aquela que “coopera com amor de mãe para a regeneração e formação dos filhos e filhas da

---

<sup>245</sup> Mt 5,48.

<sup>246</sup> Jo 15,3.

<sup>247</sup> FRANCISCO, 2018, p. 44; GEE 83.

<sup>248</sup> CATECISMO..., 2000, p. 405; CIC 1468.

<sup>249</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 5; EG 3.

<sup>250</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 63.

<sup>251</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2011, p. 123-126; DAp. 266-271.

<sup>252</sup> BENTO XVI, 2010, p. 54-56; VD 27-28.

mãe-Igreja”.<sup>253</sup> Cada fiel também é chamado a cooperar na obra da salvação, agindo em favor dos irmãos e irmãs da comunidade eclesial, principalmente os mais vulneráveis, a fim de que todos tenham vida em abundância.<sup>254</sup> A *Gaudium et Spes* descreve que “o aperfeiçoamento da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência”,<sup>255</sup> desse modo, se intui que toda vocação cristã se estende também a toda a humanidade, numa dimensão social. O apóstolo Paulo expõe: “Nós somos todos cooperadores de Deus”,<sup>256</sup> ele quer expressar aqui a cooperação dos crentes pelo “anúncio do Evangelho e no contributo pessoal ao seu arraigamento no coração dos seres humanos”.<sup>257</sup> Enquanto participante da Eucaristia, o cristão deve ser cooperador vivendo a comunhão, que conduz à solidariedade, ou seja, “fazer-se garantes uns pelos outros, os sadios pelos doentes, os ricos pelos pobres, os continentes do Norte e do Sul na consciência da responsabilidade recíproca”.<sup>258</sup>

Os textos eucológicos citam o pecado original e o privilégio de Maria dado por Deus de ser preservada do pecado. Mesmo preservada, Maria enfrentou o pecado ao longo da vida, e o combateu não se deixando vencer pelo mal. A Virgem Maria mostra qual é a verdadeira liberdade do ser humano, pois o pecado começou na história devido ao abuso dessa liberdade.<sup>259</sup> Inclinado para o mal em seu interior, o ser humano deve sempre buscar em Maria os valores que a fez fiel até o fim. Ela se mantém diante de Deus e da humanidade como um sinal inabalável da eleição que Deus fez a todo o gênero humano em Cristo: “Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo”.<sup>260</sup> Essa escolha ou eleição divina tem mais força do que as experiências de pecado e do que a inimidade

---

<sup>253</sup> JOÃO PAULO II, 2016, p. 76; RM 44.

<sup>254</sup> Jo 10,10.

<sup>255</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 567; GS 25.

<sup>256</sup> 1Cor 3,9.

<sup>257</sup> JOÃO PAULO II, 1997, não paginado.

<sup>258</sup> RATZINGER, 2019, p. 409.

<sup>259</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 553; GS 13.

<sup>260</sup> Ef 1,4-5.

que faz parte da história do ser humano. Nesse contexto, Maria conserva-se o sinal seguro da esperança da humanidade.<sup>261</sup>

Acerca das antífonas, a alegria e a justiça de Maria foram características notáveis em sua vida. O anjo saudou Maria com o “Alegra-te, cheia de graça”,<sup>262</sup> ao visitar e saudar sua prima Isabel grávida, “a criança estremeceu de alegria”<sup>263</sup> no ventre;<sup>264</sup> Isabel ainda diz: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido”.<sup>265</sup> No início do *Magnificat* se nota uma jovem alegre em espírito e em alma, ou seja, por inteiro.<sup>266</sup> O papa Francisco recorda o valor da alegria na vivência cristã, tendo a Virgem Maria como exemplo. Francisco fala da alegria do Evangelho, que “enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”,<sup>267</sup> e que tira da tristeza e do pecado. A alegria se vive nos detalhes da vida diária, e não pode se esgotar no coração do cristão, porque ele é sempre amado por Deus. Nas circunstâncias da vida, a alegria se adapta e se transforma, e em muitas ocasiões, ela se transforma em confiança e esperança como uma centelha de luz, quando não se manifesta externamente, mas está no coração daquele que tem fé.<sup>268</sup> A comunhão de amor entre as pessoas é imprescindível, pois o “amor fraterno multiplica a nossa capacidade de alegria, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros”.<sup>269</sup>

A alegria<sup>270</sup> se une a justiça, quando a antífona diz de Maria como aquela que foi revestida de justiça e salvação. A justiça é uma das

---

<sup>261</sup> JOÃO PAULO II, 2016, p. 23; RM 11.

<sup>262</sup> Lc 1,28.

<sup>263</sup> Lc 1,44.

<sup>264</sup> O fato da criança estremeecer no ventre de Isabel, exprime algo fundamental para a fé. Trata-se do “júbilo diante da Palavra que se fez Homem, o salto diante da Arca da Aliança, na alegria esquecida de si mesma daquele que reconheceu a proximidade redentora de Deus”. (RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião: A devoção mariana na Igreja.** Trad. Ney V. de Carvalho. São Paulo: Paulus, 2013. p. 65.)

<sup>265</sup> Lc 1,45.

<sup>266</sup> BOFF, 2004, p. 59.

<sup>267</sup> FRANCISCO, 2013, p. 3; EG 1.

<sup>268</sup> FRANCISCO, 2013, p. 6-8; EG 4-6.

<sup>269</sup> FRANCISCO, 2018, p. 62; GEE 128.

<sup>270</sup> Na saudação do anjo a Maria, apresentada por Lucas, há certa semelhança com Sofonias 3,14-17, quando se proclama o *Alegra-te* para a filha de Sião, pelo fato de que o Senhor virá para salvá-la, tirando o seu temor. O anjo faz Maria também perder o temor e agora é ela a verdadeira Sião, que ouve as

virtudes cardeais, e o ser humano que é justo, bíblicamente falando, “distingue-se pela correção habitual de seus pensamentos e pela retidão de sua conduta para com o próximo”.<sup>271</sup> Em outras palavras, o justo é aquele que faz a vontade de Deus e é fiel a ela, como fez a Virgem Maria. Cabe dizer que no *Magnificat*, Maria se manifesta como aquela que está inundada de amor preferencial pelos pobres, ou seja, àqueles que mais necessitam de auxílio, considerando a dignidade que cada ser humano tem por ser imagem de Deus.<sup>272</sup> Nesse sentido, Maria é modelo de quem vive segundo a vontade de Deus e busca o bem do próximo e, por isso, é chamada na ladainha de “Espelho de justiça”.<sup>273</sup>

### 3.2.2 A práxis cristã na solenidade da Santa Mãe de Deus

Num primeiro momento, se vê na maternidade de Maria o grande dom que Deus dá à mulher de gerar filho, e por consequência, o valor da família. Desse modo, “a mãe colabora com Deus, para que se verifique o milagre de uma nova vida”.<sup>274</sup> A criança que nasce já estava no coração de Deus e já era consagrada por ele<sup>275</sup> e, por isso, o embrião, desde sua concepção tem seu valor e dignidade diante de Deus e deve também ter seu valor perante a humanidade. Todo filho precisa se sentir esperado e amado, principalmente pelo pai e pela mãe. Destarte, a presença dos pais na vida dos filhos favorece a reciprocidade, o encontro com o diferente em sua personalidade própria, e a acolhida do outro.<sup>276</sup>

O caráter materno de Maria também lembra a capacidade que o ser humano tem de gerar e cultivar a vida, seja consigo mesmo, com as outras pessoas ou com o meio ambiente.<sup>277</sup> Quer lembrar ainda o grande potencial que tem a mulher, quando está aberta à vida, pois dá origem a ela e a protege como mãe. A mulher guarda em si uma esperança de

---

palavras de esperança e de alegria, porque o Senhor virá. (RATZINGER, 2013, p. 33.)

<sup>271</sup> CATECISMO..., 2000, p. 487; CIC 1807.

<sup>272</sup> JOÃO PAULO II, 2016, p. 62; RM 37.

<sup>273</sup> LUÍS MARIA G. DE MONTFORT, 2015, p. 270.

<sup>274</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016. p. 105; AL 168.

<sup>275</sup> Jr 1,5.

<sup>276</sup> FRANCISCO, 2016, p. 108; AL 172.

<sup>277</sup> TEMPORELLI, Clara. *Maria, Mulher de Deus e dos Pobres*: releitura dos dogmas marianos. Trad. Maria P. Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2010. p. 54.

vida, que vence a esterilidade e a morte.<sup>278</sup> A maternidade da Virgem Maria relembra que a humanidade tem a vocação para a plena fecundidade, e recupera o primordial valor que tem o corpo humano, que é o de levar ao cumprimento dos desígnios de Deus, sempre unido ao desejo do ser humano. Seu exemplo materno desafia e convoca para um verdadeiro sentimento materno, que ajuda no crescimento de cada pessoa, favorecendo relações saudáveis de dependência recíproca e ao mesmo tempo, de autonomia humana.<sup>279</sup>

A Igreja e também cada cristão segue o modelo materno de Maria, não no sentido físico, mas no espiritual, na medida em que, pela fé acolhe a Palavra de Deus, como consta no evangelho: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.<sup>280</sup> Acolher a Palavra é escutá-la e praticá-la, na certeza que o ser humano é obra de Deus e também que já está salvo em Jesus Cristo, “não para que ficássemos inertes e passivos ou pior, no pecado, mas para que tivéssemos a capacidade de cumprir, por nossa vez, através da graça e da fé, as boas obras que ele de antemão preparou para nós”.<sup>281</sup> A Igreja, por sua vez, é chamada de mãe por receber com fidelidade a Palavra de Deus e porque, “efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para a vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus”.<sup>282</sup>

O texto eucológico dessa solenidade cita a virgindade fecunda de Maria, que lembra o aspecto da doação total a Deus, realizada por meio do celibato, em vista do Reino do Céu,<sup>283</sup> quando há a consagração da virgindade a Deus. Deve ser uma virgindade que, semelhante a de Maria, dê frutos espirituais, como verdadeiro testemunho de total serviço ao Reino de Deus.<sup>284</sup> Lembra-se também o valor da castidade, chamado de todo o batizado, que é “a integração correta da sexualidade na pessoa”,<sup>285</sup> objetivando o domínio de si e, por consequência, a doação de si para os outros. A castidade vale tanto para celibatários, quanto para solteiros, namorados e esposos, porque significa pureza na

---

<sup>278</sup> GEBARA, 1988, p. 116-117.

<sup>279</sup> TEMPORELLI, 2010, p. 74-75.

<sup>280</sup> Lc 8,21.

<sup>281</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **Maria: Um Espelho para a Igreja**. Trad. Lino Rampazzo. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2017. p. 77.

<sup>282</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 64.

<sup>283</sup> Mt 19,11-12.

<sup>284</sup> JOÃO PAULO II, 2016, p. 75; RM 43.

<sup>285</sup> CATECISMO..., 2011, p. 605; CIC 2337.

afetividade, na forma de pensar, de falar e de agir, governando com temperança as suas paixões, com liberdade.<sup>286</sup>

Na sua virgindade, Maria se torna modelo do culto a Deus, no sentido de que ela fez da sua própria vida uma oferta ao Senhor ao dizer o sim à vontade do Pai com o seu *faça-se*,<sup>287</sup> seguindo um caminho de santidade.<sup>288</sup> A Igreja, seguindo o modelo mariano, também é virgem:

(...) ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade.<sup>289</sup>

Em um mundo marcado pelo hedonismo exacerbado, que visa o consumo utilizando-se do ser humano como instrumento de prazer imediato,<sup>290</sup> pode parecer muito distante da realidade a questão da virgindade. Porém, o desafio está em ultrapassar a sua esfera sexual e ter uma visão mais ampla a respeito da virgindade. Para tanto, não se pode opor virgindade e sexualidade ou virgindade e matrimônio, porque a virgindade significa abertura para a comunhão de amor com as pessoas e, sobretudo, com Deus. A virgindade quer expressar a pertença do ser humano a Deus, porque ele foi criado por Deus e para ele. O objetivo da virgindade é a generosidade e a liberdade madura por meio do discernimento, que torna a pessoa disponível para acolher os desígnios divinos.<sup>291</sup>

A eucologia fala de Maria intercessora e que traz o autor da vida para toda a humanidade. O cristão deve ser colaborador ativo e responsável no plano salvífico de Deus, sendo um verdadeiro interlocutor e amigo de Deus.<sup>292</sup> Trata-se de uma colaboração participada da única fonte de salvação de Cristo, que cada cristão é chamado a participar a seu modo.<sup>293</sup> Aqui entra a corresponsabilidade

---

<sup>286</sup> CATECISMO..., 2011, p. 606-608; CIC 2338-2350.

<sup>287</sup> Lc 1,38.

<sup>288</sup> PAULO VI, 2016, p. 28; MC 21.

<sup>289</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 64.

<sup>290</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2011, p. 164; n. 357.

<sup>291</sup> TEMPORELLI, 2010, p. 118-119.

<sup>292</sup> TEMPORELLI, 2010, p. 53.

<sup>293</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 61.

cristã, em que, membros de um só corpo, um pode interceder pelo outro em suas necessidades, por meio das orações e auxiliá-los na caridade concreta, almejando a salvação de todos. A sensibilidade cristã vai além das portas da Igreja e busca a corresponsabilidade com a humanidade, dando o testemunho cristão de trazer, como Maria, o autor da vida na vida de tantos sofredores, como verdadeira “carta de Cristo”.<sup>294</sup>

O texto eucológico apresenta novamente a alegria, dessa vez reportando para as primícias das graças de Deus, no desejo de se alcançar a sua plenitude. A alegria do cristão consiste na presença do Senhor em sua vida, e na ânsia de alcançar a salvação, depositando diante de Deus todas as suas necessidades. O apóstolo Paulo confirma dizendo: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! (...) Então a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus”.<sup>295</sup>

O prefácio lembra que a Virgem Maria concebeu à sombra do Espírito Santo, sombra essa que faz alusão direta à *Shekinah* da Tenda da Reunião.<sup>296</sup> Enfatiza-se o aspecto pneumatológico de Maria e da vida cristã. De fato, a sombra do Espírito Santo tornou a Virgem Maria fecunda de Deus Filho e a fez Tabernáculo do encontro entre Deus e o ser humano.<sup>297</sup> Ao abordar essa verdade, Bigotto expõe:

Maria é Templo de Deus, domínio absoluto de Deus. Maria é posse de Cristo como no início da sua existência, como seremos também nós, *santos e imaculados* quando como Maria teremos totalmente acolhido Cristo. Maria é profecia e antecipação do nosso destino.<sup>298</sup>

O corpo humano do cristão também é chamado de templo de Deus, pelo fato de o Espírito de Deus habitar nele, e ninguém pode destruir esse templo, porque é santo, é o próprio ser humano.<sup>299</sup> Diante dessa magnífica verdade, quer-se defender a sacralidade do corpo humano, por participar da dignidade de imagem de Deus e ser destinado, o ser humano em seu todo, a se tornar o templo do

---

<sup>294</sup> 1Cor 3,3.

<sup>295</sup> Fil 4,4.7.

<sup>296</sup> Ex 40,34.

<sup>297</sup> BOFF, 2004, p. 51.

<sup>298</sup> BIGOTTO, 2013, p. 456. (Grifo do autor.)

<sup>299</sup> 1Cor 3,16-17.

Espírito.<sup>300</sup> Mediante a isso, Cantalamessa destaca que o Espírito traz no ser humano algo esquecido, que é a intimidade com Deus, a qual coloca no lugar do medo o desejo de agradar a Deus e de estar em plena liberdade diante dele, sem a necessidade de esconder algo. Porque o Espírito está dentro e faz do coração do ser humano a sua morada, não é preciso buscá-lo fora, basta que haja intimidade com aquele que já está dentro.<sup>301</sup> Nessa perspectiva, o apóstolo Paulo chama a atenção à conscientização de tão grande dádiva:

Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus? ...e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos? Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; glorificai, portanto a Deus em vosso corpo.<sup>302</sup>

Pelo Batismo o cristão se torna templo do Espírito Santo, e por isso, chamado a ser santo. Os Sacramentos e a oração dão a ele a graça de Cristo, bem como os dons do Espírito,<sup>303</sup> que o torna capaz de ter uma vida de acordo com o evangelho de Jesus Cristo. O mesmo Espírito que conduziu a Deus Filho, ensina cada cristão a orar ao Pai e o capacita a ser verdadeiro imitador de Cristo em pensamentos, palavras e ações. Isso se fundamenta nos dons do Espírito Santo, que faz com que o ser humano seja sensível aos impulsos desse mesmo Espírito. Tais dons completam e aperfeiçoam as virtudes dos seus receptores, tornando-os obedientes aos apelos divinos. Os frutos que o Espírito Santo produz no cristão já são indícios da eterna glória que virá;<sup>304</sup> são eles “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio”.<sup>305</sup> Comparando os frutos do Espírito com a vida de Maria, fica claro porque ela é modelo para o cristão como templo do Espírito, pois ela foi tão dócil ao Espírito, que esses frutos fizeram com que sua virgindade perpétua fosse fecunda.

---

<sup>300</sup> CATECISMO..., 2000, p. 105; CIC 364.

<sup>301</sup> CANTALAMESSA, 2017, p. 212.

<sup>302</sup> 1Cor 6,19-20.

<sup>303</sup> Os dons do Espírito Santo são sete, a saber: “sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus”. (CATECISMO..., 2000, p. 493; CIC 1831.)

<sup>304</sup> CATECISMO..., 2000, p. 463-493; CIC 1692-1831.

<sup>305</sup> Gl 5,22-23.

O prefácio lembra que Maria deu ao mundo a luz eterna, isto é, o próprio Cristo, que é “a luz verdadeira que ilumina todo homem”.<sup>306</sup> Para o cristão, o sentido da luz é muito presente já no Sacramento do Batismo, chamado também de iluminação; recebe a vela, significando que foi iluminado por Cristo e, nele, todo batizado é luz do mundo e filho da luz.<sup>307</sup> Jesus mesmo diz no evangelho: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus”.<sup>308</sup> A Palavra de Deus também é luz, conforme o salmo: “Tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho”.<sup>309</sup>

Iluminado por Cristo e sua Palavra, o cristão tem a missão de testemunhar sua fé no mundo e, desse modo, ser luz na vida das pessoas, mesmo que o ser humano se encontre dividido entre luzes e trevas, que significa o bem e o mal no mundo.<sup>310</sup> Aquilo que realmente tira das trevas e leva para a luz é a verdade,<sup>311</sup> que liberta e salva e que é o Cristo. Por isso, todos os seres humanos “são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos”.<sup>312</sup> Desse modo, ele se sentirá membro da Igreja, que por sua vez, “em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.<sup>313</sup> As trevas podem ser o pecado, as situações de injustiças de muitas pessoas, os preconceitos, a violência, o contratestemunho e tantas outras realidades que obscurecem o mundo; a luz da verdade que é Cristo, vem para dissipar toda a escuridão e fazer com que o ser humano seja filho da luz e nova criatura. Por sua vez, os cristãos são chamados a serem “cooperadores da Verdade”.<sup>314</sup>

As antífonas lembram da novidade de um mundo novo inaugurado por Cristo, que é o Senhor da história e do tempo. De fato, a história encontra seu senhorio em Jesus Cristo, reconhecendo assim que o ser humano deve submeter a sua liberdade a Cristo, o qual é “a chave,

---

<sup>306</sup> Jo 1,9.

<sup>307</sup> Mt 5,14; Ef 5,8.

<sup>308</sup> Mt 5,16.

<sup>309</sup> Sl 119,105.

<sup>310</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 553; GS 13.

<sup>311</sup> Jo 14,6.

<sup>312</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 1.

<sup>313</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 1.

<sup>314</sup> 3Jo 1,8.

o centro e o fim de toda a história humana”.<sup>315</sup> A criação do mundo por parte de Deus, o seu agir na história bíblica e a Aliança com o povo, mostram que o tempo da humanidade é o “tempo histórico que vai na direção da unidade entre Deus e o mundo”,<sup>316</sup> fazendo com que o tempo vá se tornando eternidade. O Eterno, que é o próprio Cristo, entrou no tempo com a cooperação de Maria.<sup>317</sup> Aliás, pode-se dizer que a eternidade e o tempo coexistem em Cristo, pois é ele quem faz essa ponte.

Ratzinger diz que a eternidade de Deus “não é simplesmente atemporalidade, negação do tempo, mas é controle do tempo que se realiza como um ser *com* e um ser *dentro* do tempo”.<sup>318</sup> Desse modo, se confirma que “todo o tempo é de Deus”<sup>319</sup> e nele tudo se realiza plenamente. Mesmo diante de tantas mudanças no mundo, existem coisas que não mudam e que tem por fundamento Jesus Cristo, aquele que é o mesmo, ontem, hoje e sempre.<sup>320</sup> Diante de tal consideração, cabe dizer que o cristão é aquele que deposita toda a sua vida e história nas mãos de Deus, pede misericórdia pelo seu passado, o auxílio para o presente e a esperança para o futuro, na certeza de que Cristo é o princípio e o fim de tudo. Assim, Deus será o Senhor da sua história e fará maravilhas na vida de cada ser humano que se abre à sua graça.

### 3.2.3 A práxis cristã na solenidade da Assunção de Nossa Senhora

A solenidade da Assunção de Nossa Senhora quer fortalecer o desejo à união de todos os membros do corpo místico de Cristo, e anseia que os cristãos considerem o “valor da vida humana, se for consagrada ao cumprimento integral da vontade do Pai celeste e a procurar o bem do próximo”.<sup>321</sup> Diante do materialismo, da corrupção de costumes e das guerras, Maria mostra o destino da alma e do corpo, confirmando a fé na ressurreição da carne de todos os membros da Igreja.<sup>322</sup> A doutrina eclesial afirma que Deus criou o ser humano para um fim feliz, e que a morte corpórea será superada quando receber a restituição da salvação

<sup>315</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 551; GS 10.

<sup>316</sup> RATZINGER, 2019, p. 86.

<sup>317</sup> BENTO XVI, 2010, p. 54; VD 27.

<sup>318</sup> RATZINGER, 2019, p. 85. (Grifo do autor.)

<sup>319</sup> RATZINGER, 2019, p. 85.

<sup>320</sup> Hb 13,8.

<sup>321</sup> PIO XII, 2016, p. 38; MD 42.

<sup>322</sup> PIO XII, 2016, p. 38; MD 42.

dada por Cristo em sua misericórdia. Na união com Deus, o ser humano entra em comunhão com a incorruptibilidade<sup>323</sup> da vida divina, alcançada por Cristo Ressuscitado. Portanto, a fé cristã se certifica que a morte é a passagem para a verdadeira vida,<sup>324</sup> porque “na Assunção vemos que em Deus existe espaço para o homem”.<sup>325</sup>

O corpo humano se destaca como aquele que será, como a alma, assumido no céu tornando-se glorioso, de modo que a Assunção se refere ao ser humano por inteiro. Em Cristo isso acontece na Ascensão e em Maria, na Assunção, de modo que a unidade do ser humano é mantida em sua corporeidade. Trata-se de um sinal escatológico de que todo ser humano será salvo em seu todo, com a devida purificação e transformação ao estado de corpo espiritual,<sup>326</sup> numa necessária ressurreição das mortes da vida, ou seja, de todas as limitações humanas.<sup>327</sup> A Assunção da Virgem Maria faz com que o cristão, membro da Igreja, ateste sua fé na salvação já em Maria, pois ela, chamada de “inteiramente batizada é, enquanto realidade pessoal da Igreja, a certeza da salvação dessa Igreja, não apenas verbalizada como promessa, mas personificada corporalmente”.<sup>328</sup> Além do mais, existe em cada ser humano um “germe de eternidade”,<sup>329</sup> que a fé cristã ilumina ao firmar a esperança da verdadeira vida no céu e, como diz Bento XVI, “Deus é o céu. E Ele é a nossa meta, a meta e a morada eterna, de onde vimos e para a qual tendemos”.<sup>330</sup>

A eucologia da Assunção lembra o cristão a estar atento às coisas do alto, como ressuscitado em Cristo, tendo em vista a participação na sua glória.<sup>331</sup> O apóstolo Paulo discorre sobre as práticas do homem velho e do homem novo, e em se tratando do homem novo, um dos seus sentimentos é a humildade e uma de suas práticas é fazer tudo, sejam palavras ou obras, em nome de Jesus, dando graças ao Pai.<sup>332</sup> Percebe-se essas características na pessoa de Maria e, por isso, se pode afirmar que ela é mulher nova em Cristo, aquela que buscou as coisas do alto ao

---

<sup>323</sup> 1Cor 15,53.

<sup>324</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 558; GS 18.

<sup>325</sup> BENTO XVI, 2012, não paginado.

<sup>326</sup> 1Cor 15,44.

<sup>327</sup> BOFF, 2006, p. 526-528.

<sup>328</sup> RATZINGER, 2013, p. 64.

<sup>329</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 558; GS 18.

<sup>330</sup> BENTO XVI, 2008, não paginado.

<sup>331</sup> Col 3,1.

<sup>332</sup> Col 3,10.12.17.

longo da vida e, portanto, goza das glórias de Deus. O ser humano é chamado a buscar os valores evangélicos, que são as coisas do alto, como diz Jesus: “ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração”.<sup>333</sup>

O prefácio fala a respeito do *hoje*,<sup>334</sup> dando a entender que *hoje* a Virgem Maria foi elevada ao céu. O *hoje* se compreende como um chamado ao cristão de, sem lentidões, buscar as coisas do alto, sem esquecer a realidade de onde se vive também no *hoje* da história, como fez Maria, ao ir às pressas visitar sua prima Isabel,<sup>335</sup> sabendo das suas necessidades. Maria tinha pressa nas coisas de Deus, na caridade com os irmãos. Não era pressa de desespero, mas uma “pressa sagrada, que sabe que Deus é sempre a prioridade, e nada mais deve causar pressa na nossa existência”.<sup>336</sup> Todo dia é propício para buscar as coisas do alto, o *agora* é o momento favorável para a conversão e para a salvação.<sup>337</sup>

A primeira leitura dessa solenidade, que fala da batalha da mulher com o dragão,<sup>338</sup> quer mostrar assim a realidade da vida do ser humano, feita de luta entre o bem e o mal. O prefácio, que cita Maria como esperança segura e consolação para o povo peregrino, se confirma aqui porque a Virgem orienta os cristãos para seu Filho Jesus que concede “a esperança de que temos necessidade: a esperança de que podemos vencer, que Deus venceu e que, com o Batismo, entramos nesta vitória”.<sup>339</sup> A Virgem Maria faz com que se tenha a esperança de

---

<sup>333</sup> Mt 6,20-21.

<sup>334</sup> Faz-se interessante relacionar o termo *hoje* com o termo *memorial* em âmbito litúrgico. Afinal, *memorial* expressa que, pela ação do Espírito Santo, acontece a atualização do único sacrifício de Cristo, fazendo com que os participantes da liturgia se tornem *contemporâneos* do mistério da Paixão de Cristo, comungando do seu próprio Corpo e Sangue. A ressurreição de Cristo torna possível essa contemporaneidade na liturgia, não só com o que aconteceu na cruz, mas também com o futuro, a vida eterna. Deste modo, entende-se a liturgia como a manifestação da eternidade dentro do tempo. (TABORDA, 2009, p. 71.81.83.)

<sup>335</sup> Lc 1,39.

<sup>336</sup> BENTO XVI. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora.** Castel Gandolfo, 15 ago. 2009. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090815_assunzione.html)>. Acesso em: 09 jun 2019.

<sup>337</sup> 2Cor 6,2.

<sup>338</sup> Ap 12.

<sup>339</sup> BENTO XVI, 2009, não paginado.

que Deus permanece na vida do cristão, “esta presença do Senhor em nós, que se torna visível em Maria que subiu ao céu”.<sup>340</sup> A sua intercessão é, sem dúvida, esperança e consolo, pois Maria cuida “com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada”.<sup>341</sup> Como já dito, Maria “brilha como sinal de esperança segura e de consolação”<sup>342</sup> para o cristão, por já ter alcançado aquilo que toda a Igreja alcançará, a glória eterna.

A Antífona de Entrada destaca primeiramente o grande sinal da mulher que tem o sol por manto, o que faz alusão à Ressurreição de Cristo contemplada por Maria. A cena que está em Apocalipse 12 (mulher, menino e dragão) tem inspiração em Gênesis 3,15-16 (mulher, descendência e serpente). A mulher representa o povo de Deus na era messiânica, bem como a Igreja militante, que luta contra o mal presente no mundo. O autor poderia ter pensado em Maria também, por ser a Mãe do Messias.<sup>343</sup> Tendo o sol por manto, lembra que Maria é aquela mulher revestida do amor e da ternura de Deus. Assim como ele reveste os lírios do campo e adorna a Israel como sua esposa,<sup>344</sup> a esta mulher “Deus a veste de sol, de toda a luz de sua própria glória e poder”.<sup>345</sup> A lua sob os seus pés significa que a mulher não está presa ao tempo cronológico, pois a sua aliança com Deus ultrapassa os limites de tempo, mesmo acontecendo na história. A coroa de doze estrelas na cabeça expressa o triunfo e a vitória dos justos. Doze estrelas lembram as doze tribos de Israel, os doze apóstolos de Cristo e também todo o universo numa condição gloriosa.<sup>346</sup> A mulher, ao mesmo tempo que é sinal escatológico é sinal histórico de quem deve lutar na história para vencer, alusão ao Mistério Pascal de Cristo, a quem o dragão persegue na imagem do menino.<sup>347</sup>

A conotação exemplar da mulher do Apocalipse conduz ao compromisso pela justiça, diante dos dragões do mundo que perseguem

---

<sup>340</sup> BENTO XVI, 2009, não paginado.

<sup>341</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 62.

<sup>342</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 68.

<sup>343</sup> BIGOTTO, 2013, p. 441-443.

<sup>344</sup> Mt 6,30; Ez 16,10-13.

<sup>345</sup> GEBARA, 1988, p. 99.

<sup>346</sup> BOFF, 2004, p. 89.

<sup>347</sup> GEBARA, 1988, p. 99-100.

os inocentes e provocam o sofrimento.<sup>348</sup> A esperança que se tem é o próprio Cristo Ressuscitado, que não deixa com que se desanime na caminhada, que dá vigor à Igreja. Assim como Maria, que acompanha seus filhos no mundo em seus sofrimentos e, de certa forma é atingida por esses sofrimentos, cada cristão é chamado a se unir a tantos seres humanos que sofrem perseguições injustas por motivos diversos. Os cristãos se unem por meio da oração e também da ação na sociedade. Também dão o testemunho da resistência, não cedendo às seduções do mal. Aqui se entra em algo muito particular, pois a batalha verdadeira que o Apocalipse apresenta e se quer enfatizar, é a batalha no coração do ser humano, tendo como essência a fidelidade a Cristo.<sup>349</sup> A esperança é uma das mensagens dessa cena do Apocalipse, pois por mais “que o Povo de Deus esteja sofrendo para garantir o Bem e construir o novo na história, e o poder destruidor do Mal pareça mais forte, Deus está conosco, e sua vitória é garantida”.<sup>350</sup>

A segunda Antífona de Entrada fala da alegria de cada cristão e dos anjos pela Assunção da Virgem Maria, dando glória ao Filho de Deus. De fato, não pode haver alegria maior do que ser acolhido por Deus em seu Reino, do que estar com Ele e saber que “Deus espera por nós, aguarda-nos, não caminhamos no vazio, somos aguardados”.<sup>351</sup> Por isso, cabe ao cristão fazer crescer essa alegria nos corações das pessoas a quem ele se encontra, como algo verdadeiramente contagiante. Trata-se da alegria daquele que se sente chamado para a santidade, para a vida em Deus, e que sente a sua presença na vida, assim como disse Bento XVI: “Em nós há espaço para Deus, e esta presença de Deus em nós, tão importante para iluminar o mundo na sua tristeza, nos seus problemas, esta presença realiza-se na fé”.<sup>352</sup>

Por fim, a última antífona é um versículo do *Magnificat*, e que aponta para a atuação de Deus na vida de Maria. Observando esse

---

<sup>348</sup> Vale lembrar que o contexto do livro do Apocalipse é de perseguição contra a Igreja por parte do imperador romano Domiciano (81-96 d.C.), que implantou o culto a sua pessoa, se autodenominando deus e senhor. Em Éfeso, onde habitava o escritor do Apocalipse, tinha uma grande estátua desse imperador. Enquanto o Império Romano tinha seu domínio, a Igreja cristã era pequena e sem visibilidade para o futuro, algo muito perceptível no livro do Apocalipse. (BOFF, 2006, p. 383.)

<sup>349</sup> BOFF, 2006, p. 383.393-402

<sup>350</sup> MURAD, 2012, p. 110.

<sup>351</sup> BENTO XVI, 2012, não paginado.

<sup>352</sup> BENTO XVI, 2012, não paginado.

cântico, se verifica que Deus é o centro da vida de Maria. Foi ele que fez grandes maravilhas em sua vida, que sempre está atento a história de seu povo. Maria, totalmente unida a Deus, quer fazer de cada cristão inteiramente unido a Deus. Dessa forma, “Maria nos ajuda a orientar as nossas orações, os nossos louvores e a nossa vida em Deus”.<sup>353</sup> A Virgem Maria, no *Magnificat*, é um verdadeiro sinal para o cristão não esquecer de colocar Deus em primeiro lugar em sua vida, sabendo que “nele vivemos, nos movemos e existimos”.<sup>354</sup> Na liberdade de filhos e filhas de Deus, os cristãos dão testemunho no mundo de quem se entrega aos seus desígnios e, assim, descobre as maravilhas divinas na vida humana.

---

<sup>353</sup> BIGOTTO, 2013, p. 267.

<sup>354</sup> At 17,28.



## CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou que a liturgia é a norma da oração e da fé da Igreja, como um verdadeiro depósito de rico conteúdo teológico. A liturgia sempre é articulada para melhor conduzir e educar os fiéis rumo à santidade, em busca do encontro definitivo com Deus. A liturgia orienta a piedade popular, especialmente para com a Virgem Maria, e faz com que os exercícios de culto particular sejam eficazes e produzam frutos na vida cristã. Com isso, afirma-se que não existe na Igreja nada que se sobreponha a liturgia, por ser a fonte e o ápice de toda a dinâmica eclesial.

A Virgem Maria, que ocupa um lugar privilegiado nos desígnios de Deus, encontra seu privilégio também na liturgia, com suas solenidades, festas e memórias. Intercessora fiel, a Virgem Maria coopera como membro eminente da Igreja, para com seus filhos e filhas, na ordem da graça, que peregrinam rumo à pátria definitiva. Além de interceder por cada cristão, a Virgem se torna modelo exemplar para a vida cristã, pois mostra um verdadeiro caminho de santidade. De fato, ela é modelo porque é a mais próxima de Deus e a mais próxima da realidade do ser humano, por ser totalmente humana.

Os textos eucológicos e oficiais, fizeram com que se chegasse até a realidade da vida cristã, ou seja, permitiu a *lex orandi lex credendi* alcançar a *lex agendi* ou *lex vivendi*. A práxis cristã, tendo Maria como modelo, é alcançável porque ela, mesmo com seus privilégios dados por Deus, não deixou de ser humana. A Virgem Maria também peregrinou na fé e cresceu em santidade no transcurso da sua vida. Seus privilégios não fizeram dela uma mulher desligada do mundo, alienada e fora da realidade. Ao contrário disso, Maria foi mulher atenta aos necessitados, como se verifica no *Magnificat*, onde ela se mostra íntima de Deus e preocupada com seu povo. Enfrentou o pecado com coragem, de modo que nunca se deixou seduzir por ele, pois se doou totalmente a Deus.

A liturgia, que orienta toda a vida cristã, seus exercícios de culto privado e público, quer sempre lembrar a dimensão ética do cristão. Não se pode celebrar a Eucaristia sem uma mudança constante de vida, sem o compromisso cristão. A Virgem Maria ajuda nisso sendo intercessora, como em todas as Celebrações Eucarísticas se recorda, mas também como modelo fiel e seguro, de quem se deixa conduzir por Deus.

Na liturgia tudo é importante, todas as palavras, os gestos e os objetos utilizados. Nada pode ser feito de qualquer jeito. A liturgia deve tocar o coração do ser humano e, para tanto, deve ser bem celebrada. Os textos eucológicos não existem para enfeitar a liturgia com belas

palavras, mas para pedir a Deus e glorificá-lo, e também fazer com que os participantes da liturgia escutem aquilo no qual devem se comprometer no cotidiano, para serem santificados. As palavras sobre Maria são palavras para o cristão, são lembranças de como deve ser um autêntico fiel da Igreja.

Destarte, que a liturgia seja sempre bem celebrada, seja bem participada e faça com que os cristãos sejam sempre mais dóceis à conversão de vida. Que a Virgem Maria interceda por todos os fiéis, a fim de serem sempre mais perseverantes no seguimento a Cristo, tendo como modelo aquela que se autodenominou a Serva do Senhor. Assim, a Virgem Maria cumprirá sua missão mais sublime, que é fazer com que Cristo seja o centro e o sentido da vida cristã.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Graça (II) O Dom da Perseverança**. São Paulo: Paulus, 1999.

AIELLO, Angelo G. Dogmas. In: FIORES, Stefano de. MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995.

AUGÉ, Matias. Eucologia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

BECKHÄUSER, Alberto. Maria nos textos eucológicos. In: GUIMARÃES, Valdivino (Org.). **Maria na Liturgia e Piedade Popular**. São Paulo: Paulus, 2017.

BENTO XVI. **Exortação Apostolólica *Verbum Domini***. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora**. Castel Gandolfo, 15 ago. 2008. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080815_assunzione.html)>. Acesso em: 13 maio 2019.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora**. Castel Gandolfo, 15 ago. 2009. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20090815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090815_assunzione.html)>. Acesso em: 09 jun 2019.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solenidade da Assunção de Nossa Senhora**. Castel Gandolfo, 15 ago. 2012. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20120815\\_assunzione.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120815_assunzione.html)>. Acesso em: 09 maio 2019.

BENTO DE NÚRSIA. **A Regra de São Bento**. Trad. Kristina Michaelles. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2017.

BERGAMINI, Augusto. **Cristo, Festa da Igreja**: História, Teologia, Espiritualidade e Pastoral do Ano Litúrgico. 2. ed. Trad. Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994.

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BIGOTTO, Giovanni Maria. **Maria: a Mãe de Jesus**. Coleção Maria em nossa vida São Paulo: Paulinas, 2013.

BOFF, Clodovis M. **Dogmas Marianos**: síntese catequético-pastoral. São Paulo: Ave-Maria, 2010.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Mariologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mariologia Social**: o significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BOSELLI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017.

CANALS, Juan María. Liturgia e metodologia. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. v. 1. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.

CÂNDIDO, Edinei da R. Presbiterato e Episcopado (séculos I-II): entre ministério e hierarquia. In: CÂNDIDO, Edinei da R. (Org.). **O nascimento da Literatura Cristã**: século I e II. Florianópolis: FACASC, 2011.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria: Um Espelho para a Igreja**. Trad. Lino Rampazzo. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2017.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. 1964. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council)

/documents/vat-ii\_const\_19641121\_lumen-gentium\_po.html>.  
Acesso em: 01 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida: texto conclusivo**. 7. ed. CNBB: Brasília, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DA DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Missal Romano**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

DENZINGER, Hünemann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de Fé e Moral**. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007.

ESCOBAR, Francisco. A celebração do mistério de Cristo. In: Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Trad. Maria S. Gonçalves. **Manual de Liturgia**. A celebração do mistério pascal: Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

FERNÁNDEZ, Luis María; RUSSO, Roberto. A oração litúrgica. In: Conselho episcopal latino-americano (CELAM). Trad. Maria S. Gonçalves. **Manual de Liturgia**. A celebração do mistério pascal: Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

FIORES, Stefano de. Teologia da Imaculada Conceição. In: FIORES, Stefano de.; MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. Virgem. In: FIORES, Stefano de.; MEO, Salvatore. (Org.). **Dicionário de Mariologia**. Trad. CUNHA, Álvaro A.; DALBOSCO, Honório.; FERREIRA, Isabel F. L. São Paulo: Paulus, 1995.

FLORISTAN, Casiano. Pastoral litúrgica. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). **A Celebração na Igreja**: liturgia e sacramentologia fundamental. v. 1. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO DE ASSIS. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Trad. José C. C. Pedroso. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia***: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

GEBARA, Ivone.; BINGEMER, Maria C. L. **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. 2. ed. v. 13. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIRAUDO, Cesare. **Num só Corpo**: tratado mistagógico sobre a Eucaristia. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano. Com. José Aldazábal. 5. ed. Trad. Ricardo Souza de Carvalho. Paulinas: São Paulo, 2012.

INSTRUÇÃO Geral sobre a Liturgia das Horas. Com. José Aldazábal. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral: Maria, singular cooperadora da Redenção**. Vaticano, 9 abr. 1997. Não paginado. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_09041997.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1997/documents/hf_jp-ii_aud_09041997.html)>. Acesso em: 11 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. v. 3. Brasília: CNBB, 2016.

JOUNEL, Pierre. Culto dos Santos. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Trad. Monika Ottermann. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

LIRA, Bruno Carneiro. **A Virgem Maria no Ano Litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

LUÍS MARIA G. DE MONTFORT. **Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem**. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARSILI, Salvatore. Liturgia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

MORA, Alfonso. A Virgem Maria no Ano Litúrgico. In: Conselho episcopal latino-americano (CELAM). Trad. Herman Hebert Watzlawich. **Manual de Liturgia**. A Celebração do Mistério Pascal: outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a Liturgia na vida da Igreja. v. 4. São Paulo: Paulus, 2007.

MURAD, Afonso. **Maria: toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

NOSETTI, Aurelio; CIBIEN, Carlos. Pequeno vocabulário litúrgico: Antifonia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

PAREDES, José Cristo R. G. **Mariologia**: síntese bíblica, histórica e sistemática. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Marialis Cultus***. v. 2. Brasília: CNBB, 2016.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Signum Magnum***: consagrada ao culto da Virgem Maria Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. v. 5. Brasília: CNBB, 2016.

PIO IX. **Bula *Ineffabilis Deus***: Dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. v. 6. 2. ed. Brasília: CNBB, 2016.

PIO XII. **Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus***: Definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. v. 8. Brasília: CNBB, 2016.

RATZINGER, Joseph. **A Filha de Sião**: A devoção mariana na Igreja. Trad. Ney V. de Carvalho. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Liturgia**: O Fundamento Sacramental da Existência Cristã. v. 11. Trad. Cornelius Pfeifer. Brasília: CNBB, 2019.

TABORDA, Francisco. **O Memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009.

TAMBURRINO, Pio. Ecumenismo. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. 2. ed. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, Mulher de Deus e dos Pobres**: releitura dos dogmas marianos. Trad. Maria P. Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2010.

TRIACCA, Achille M. **Lo Spirito Santo nella Liturgia e nella Vita dela Chiesa**. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2011.

VAGAGGINI, Cipriano. **O Sentido Teológico da Liturgia**. Trad. Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.